

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ALICE SEBEN CAMPANA

**PERCEPÇÕES E PRÁTICAS NOTURNAS: Um estudo de caso na
Rua João Alfredo em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.**

PORTO ALEGRE

2018

ALICE SEBEN CAMPANA

**PERCEPÇÕES E PRÁTICAS NOTURNAS: Um estudo de caso na
Rua João Alfredo em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientador: Doutor Álvaro Luiz Heidrich - Professor do Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

PORTO ALEGRE

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ALICE SEBEN CAMPANA

**PERCEPÇÕES E PRÁTICAS NOTURNAS: Um estudo de caso na
Rua João Alfredo em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.**

Monografia apresentada à Comissão de Graduação em Geografia
como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em
Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ___ de _____ de 2018.

Professor orientador:

Professor Doutor Álvaro Luiz Heidrich
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Banca Examinadora:

Professora Doutora Adriana Dorfman
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professor Doutor Nelson Rego
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Quando dei conta de que esta etapa importante na minha vida estava por ser concluída, não pude deixar de refletir em todas aquelas pessoas que, de certa forma, navegaram comigo nesse barco, mesmo que temporariamente.

Agradeço acima de tudo à minha família, em especial à minha mãe, Ira Campana, que desde cedo nos incentivou ao estudo, à procurar por uma profissão com o coração; certamente sem o seu apoio, inclusive financeiro, não estaria aqui! Agradeço ao meu pai Edilson Campana, às minhas irmãs Marina Seben Campana e Laura Seben Campana, que sempre estiveram presentes em minha vida. Novamente, agradeço profundamente à Laura, sua ajuda foi essencial durante os trabalhos de campo para este trabalho, além de ser essa grande amiga, acredito que palavras não conseguem definir a relevância da tua ajuda e companheirismo.

Agradeço a todas as amizades criadas no curso. As festas, as viagens, as companhias, as lutas, os risos, as discussões, os abraços e os amores que a Geografia trouxe. As histórias, ou melhor, as geografias serão únicas, já que marcaram essa importante parte da minha vida! Agradeço enormemente às amigas Bruna Bianchi, Bruna Zanatta (quanto mais Brunas, melhor!), Cátia Froehlich, Isabella Foss e Kynaê Primon e aos amigos Fernando Pires e Leonardo Pohlmann, vocês foram e são um dos meus maiores portos seguros que a Geografia poderia proporcionar. Espero levá-la(o)s comigo na vida!

Gostaria de agradecer ao pessoal do estágio na Metroplan, Pâmela Maciel, Leonardo (novamente agradeço por todas as ajudas), Gabriel Vargas, Joanna Koeppe, Liziane Coles, Pedro Toscan, Karin Potter e Darlan Costa por darem apoio em todas as esferas da minha vida. As trocas e a amizade que surgiu nesse ano que passou significam muito para mim. Avante Seope!

Em especial, agradeço ao professor orientador Álvaro Heidrich por todo apoio dado na construção desse trabalho, além da paciência para com suas orientandas muitas vezes perdidas. Seus conselhos e orientações deram rumo a esta etapa final do curso! De forma geral, agradeço às e aos professores do Departamento de Geografia pelos ensinamentos e diálogos que acrescentaram de todas as formas e aos laboratórios onde tive a oportunidade de ser bolsista (Labgeo, CPC e NEGA).

Agradeço o apoio daquelas e daqueles que caminharam comigo e que me incentivaram nesse momento. Por fim, dedico a todo mundo que compreende o que é o sentimento de frequentar a rua João Alfredo, assim como às pessoas que essa mesma rua colocou em minha vida.

“Às boêmias e boêmios da noite, tudo: um alto estado de espírito, um vago entorpecimento pelo álcool e a natural sensação de felicidade - coisa dificilmente encontrada durante o dia. É a liberdade. A liberdade da noite que, para quem não sabe, existe mesmo: na disponibilidade do tempo, no senso de humor, no astral geral, no clima todo. A noite é sempre uma criança. E, dentro dela, as e os que vivem atrás do prazer, na busca eterna de um lugar e um momento para ser feliz. Isto não é fácil. Mas quem anda na noite, se diverte. E se os fins nem sempre são alcançados, só a batalha já vale a pena, companheira(o), pois é certo, certíssimo que tudo aquilo foi um tremendo sarro.”

Adaptado de Mário Goulart, em “Lupicínio Rodrigues” (1984).

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade compreender a percepção dos grupos que frequentam a Rua João Alfredo no período da noite, no município de Porto Alegre/RS, baseado na subjetividade de suas vivências neste local em busca de diversão e confraternização, assim como entender a justificativa pela qual esta rua passou a ser referência para alguns indivíduos. A partir disso, visamos estabelecer uma conexão entre o espaço e as práticas sociais que originam territorialidades a partir do cotidiano e apropriações temporárias. A proposta metodológica adotou o uso de bibliografias, entrevistas semi-estruturadas, fotografias e cartografias, e permitiu analisar os dados a partir de uma perspectiva qualitativa, compreendendo diferentes concepções em relação à leitura da rua e modos de apropriação da mesma. Apoiando-se nesse arranjo, pode-se compreender os principais atrativos que a rua tem para seus frequentadores, desde laços afetivos criados com o lugar, consumo de bebidas sem a necessidade de permanecer no interior dos estabelecimentos, quanto ao sentimento de segurança proporcionada pela quantidade de pessoas no local. Deste modo, compreendemos que esse recorte do espaço urbano, Rua João Alfredo, é moldado a partir da apropriação temporária e das relações sociais que se sucedem ali, modificando a dinâmica e a paisagem noturna nos fins de semana.

Palavras-chave: espaço urbano, lugar, Rua João Alfredo, Cidade Baixa, paisagem noturna.

ABSTRACT

This study aims to understand the perception of the groups that attend the Rua João Alfredo at night, in the city of Porto Alegre/RS, based on the subjectivity of their experiences in this place in search of fun and fraternization, as well as to understand why this street became a reference for some individuals. From this, we aim to establish a connection between space and social practices that originate territorialities from the everyday experiences and from temporary appropriations. The methodological proposal adopted the use of bibliographies, semi-structured interviews, photographs and cartographies and allowed us to analyze the data from a qualitative perspective, comprising different conceptions in relation to street reading and ways of appropriating it. Based on this arrangement, it were understood the main attractions that the street has for its goers, from affective ties created with the place, consumption of beverages without the need to stay inside the establishments, as well as the feeling of security provided by the amount of people in the place. In this way, we understand that this parcel of the urban space, Rua João Alfredo, is shaped by the temporary appropriation and the social relations that succeed there, modifying the dynamics and the nightscape at the weekends.

Keywords: urban space, place, Rua João Alfredo, Cidade Baixa, nightscape.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Vista de um sábado qualquer no período da noite na rua João Alfredo.....	11
Figura 2. Rua João Alfredo na madrugada de um sábado..	12
Figura 3. Mapa de localização da Rua João Alfredo no bairro Cidade Baixa, Porto Alegre.. ...	13
Figura 4. Rua da Margem na década de 1930..	27
Figura 5. Mapa ilustrativo do território que constituía a Cidade Baixa.....	28
Figura 6. Museu Joaquim José Felizardo.	29
Figura 7. Rua João Alfredo no período do dia.	30
Figura 8. Dinâmicas de territorializações do lazer noturno em Porto Alegre no século XX.	33
Figura 9. Mapa das Localizações 1 e 2 da área de estudo..	36
Figura 10. Localização 1 da área de estudo.....	37
Figura 11. Localização 2 da área de estudo.....	37
Figura 12. Croqui da Rua João Alfredo no período da noite.....	38
Figura 13. Representação dos principais motivos de se frequentar a Rua João Alfredo.....	39
Figura 14. Mapa da quantidade de entrevistados por bairro.....	45
Figura 15. Vista das fachadas das edificações da Rua João Alfredo.	46
Figura 16. Rua João Alfredo no período do dia em dias de semana.	47
Figura 17. Concentração de frequentadores na esquina da Rua da República e João Alfredo...	49
Figura 18. Comparação entre horários na João Alfredo na Localização 1	49
Figura 19. Comparação entre horários na João Alfredo na Localização 1	50
Figura 20. Comparação entre horários na João Alfredo na Localização 2.	51
Figura 21. Comparação entre horários na João Alfredo na Localização 2.	52
Figura 22. Ciclista no trânsito na João Alfredo.....	53
Figura 23. Paisagem comum na João Alfredo após as 2 horas.....	54
Figura 24. Trabalho desempenhado pela SMIC e Polícia Militar durante os fins de semana.	54
Figura 25. Mapa de localização dos registros fotográficos.	56
Figura 26. Calçada estreita comum a toda João Alfredo.....	63
Figura 27. Proposta do projeto Ruas Completas na João Alfredo.....	64
Figura 28. Proposta do projeto Ruas Completas na João Alfredo.....	64
Figura 29. Proposta do projeto Ruas Completas na João Alfredo.....	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	TECENDO O MÉTODO	13
2.1	Revisão Bibliográfica.....	13
2.2	Trabalho de Campo	14
2.3	Registros Midiáticos	16
2.4	Informações Cartográficas	17
2.5	Sistematização dos Dados Coletados em Campo	17
2.6	Análise da paisagem por fotografias	17
3	TRAMA CONCEITUAL	18
3.1	Espaço geográfico e territorialidades	18
3.2	Questões identitárias e a relação com a paisagem	20
3.3	O espaço urbano e a cultura da noite	23
4	O BAIRRO CIDADE BAIXA	25
4.1	Breve histórico	25
4.2	Vida noturna em Porto Alegre	30
5	RUA JOÃO ALFREDO ENQUANTO ESPAÇO DE SOCIABILIDADES	33
6	PAISAGEM EFÊMERA	46
7	ESPAÇOS PÚBLICOS: CONFLITOS NA RUA JOÃO ALFREDO	57
8	REPENSANDO UMA NOVA JOÃO ALFREDO	61
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
10	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

1 INTRODUÇÃO

A utilização de espaços públicos para recreação é perceptível em todas as culturas urbanas, onde acabam sendo moldados pelas pessoas que os usufruem, assim como moldam e acolhem novos integrantes no ambiente. Devido à diversidade e pluralidade de culturas existentes - cada uma transbordando subjetividades - os lugares passam a ter características próprias na interação com o espaço.

No município de Porto Alegre, o bairro Cidade Baixa é caracterizado por ter grande movimento de pessoas durante o turno da noite nos fins de semana. Por ser considerado o principal bairro boêmio do município atualmente, é o ponto de encontro entre pessoas predominantemente jovens em momentos de lazer noturno e confraternização (figura 1). A partir da vivência pessoal nesse espaço, das experiências sentidas, comecei a questionar sobre a relação entre aqueles que frequentam a Rua João Alfredo em busca de diversão, se existe uma conexão emocional com o espaço e como esse sentimento pode dar origem a territorialidades a partir do cotidiano e modificação do espaço social, materializando-se ou transitando através da subjetividade dos indivíduos.

Grupos sociais que se identificam e frequentam determinado local passam a ter uma percepção sobre a paisagem e o que a compõe, absorvendo e dando ênfase inconscientemente ao que está vinculado à sua visão de mundo. Segundo Andreotti (2013), “a personalidade do observador, através da mediação dos sinais, dos indicadores perceptivos desses lugares, conclui o seu julgamento ou a sua relação com esses mesmos lugares alcançando assim a "paisagem". (...) Portanto, a maneira pela qual a consciência se dirige aos objetos, ou seja, a intenção, o ato de escolhê-los, determina naquele momento o caráter dos objetos observados de forma intencional.” Para isso, trabalharei no campo da fenomenologia, que tem como base a subjetividade, percepções e interpretações individuais. Essa subjetividade do sujeito coletivo ou individual adquire importância quanto a sua interpretação visual e emocional da paisagem, pois é a partir do estado de espírito do observador que a paisagem passará a ter significados e importância na vida de quem habita aquele ambiente de trocas.

A partir disso, a Rua João Alfredo pode ser considerada para muitos que a frequentam como um lugar e esse pode ser um centro de significações insubstituível para a formação de nossa identidade como indivíduos pertencentes a uma comunidade, podendo ser comparado ao conceito de lar, sendo uma relação necessária, inevitável para que relações humanas tenham significado, conforme afirma Relph (1976).

Assim, torna-se importante entender a relação que frequentadores - em sua maioria

indivíduos jovens - passaram a ter com a Rua João Alfredo através do possível sentimento de pertencimento, das construções de territorialidades, da partilha de ideias, estética, simbolismos e significações, assim como de sua percepção individual da paisagem, pois é a partir dessa dinâmica noturna que indivíduos reafirmam a sua identidade.

O objetivo principal deste trabalho é identificar e compreender, a partir da geografia social e cultural, a percepção que usuários têm sobre a Rua João Alfredo, tendo como base a subjetividade de suas vivências neste local a procura de diversão e confraternização no período da noite. Além dessa noção geral do que a rua representa para as pessoas, o trabalho abordará pontos específicos como registrar o cotidiano daqueles que se apropriam da rua, a partir da participação e vivência, assim como as práticas noturnas adotadas pelos mesmos; abordar temporalidades e suas projeções no território; descrever paisagens a partir da interpretação subjetiva dos entrevistados e compreender o sentido e identificação que a rua passou a ter para essas pessoas.



Figura 1. Vista de um sábado qualquer no período da noite na rua João Alfredo. Outubro de 2017

Na tentativa de melhor conceber o motivo pelo qual a rua João Alfredo passou a ter importância na vida de quem frequenta, será possível também identificar a forma e tipo de relações existentes entre quem se utiliza da rua para práticas sociais - motivo principal - e o espaço em si, onde encontramos as práticas vinculadas ao meio físico, o palco que molda e que é moldado por essas ações rotineiras. Assim, conseguiremos dar visibilidade a essas pessoas que interagem com o território, sendo os atores desse lugar que se sobressai por suas atividades

noturnas no município de Porto Alegre.

Devemos elucidar que, por motivos de abrangência do tema, onde muitos fatores podem estar envolvidos quando nos referimos à utilização da rua no período da noite, o estudo terá como foco apenas aqueles que usam a rua em momentos de lazer, independente se morador do bairro ou não, já que existe a possibilidade de ampliar o ponto central da pesquisa, porém não se adequa ao tempo e ao objetivo do trabalho de conclusão da graduação.

Assim, antes de iniciarmos a discussão, torna-se necessário delimitar geograficamente a área de estudo, que está localizada na Rua João Alfredo, bairro Cidade Baixa, região central do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O maior número de pessoas e atividades noturnas estão localizadas entre as ruas Luiz Afonso e da República (figura 2). Portanto, o trabalho seguirá nessa área.



Figura 2. Rua João Alfredo na madrugada de um sábado. Fotografia do acervo pessoal.

A Cidade Baixa tem como bairros vizinhos Azenha (sudeste), Menino Deus (sul), Praia de Belas (oeste), Centro Histórico (noroeste) e Farroupilha (leste). A Rua João Alfredo conta com espacialização de aproximadamente 650 metros de extensão, concentrando a maior quantidade de pessoas em menos de 200 metros.

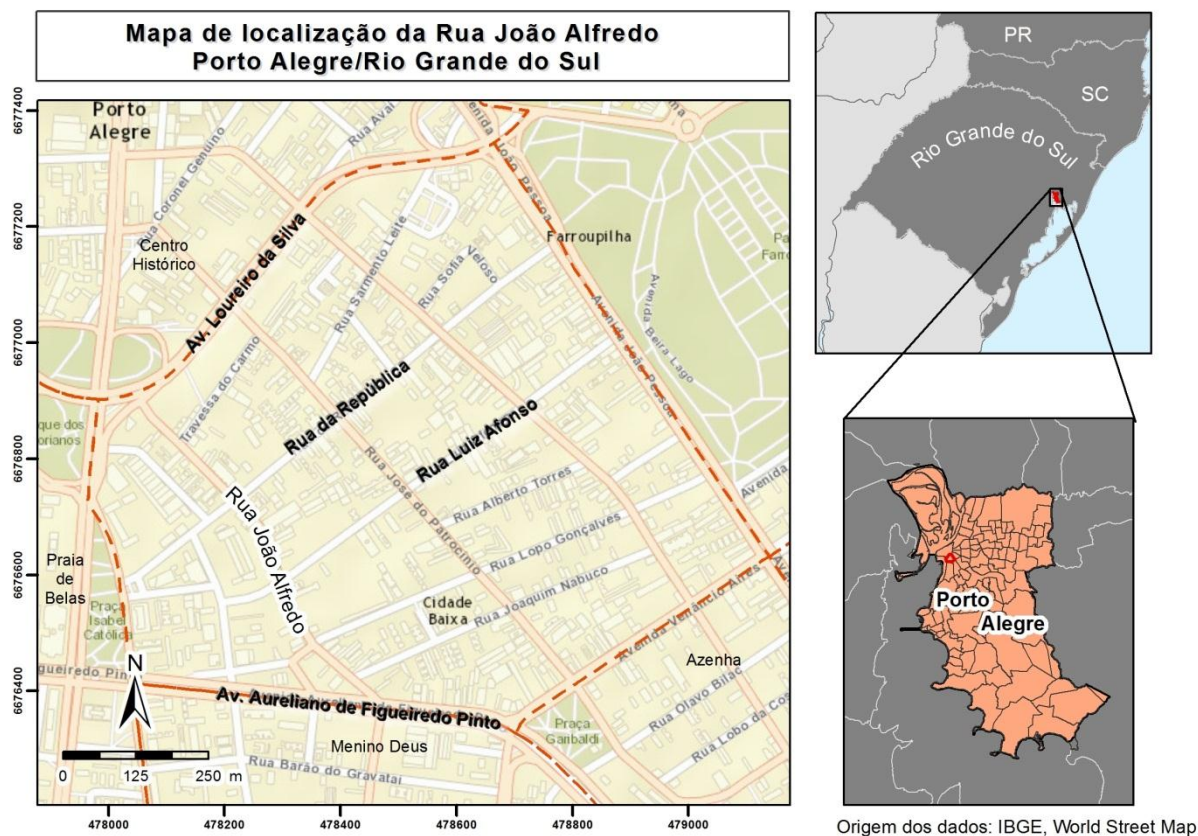


Figura 3. Mapa de localização da Rua João Alfredo no bairro Cidade Baixa, Porto Alegre. Fotografia do acervo pessoal.

2 TECENDO O MÉTODO

2.1 Revisão Bibliográfica

Através da busca e análise de trabalhos com objetivos de pesquisa em comum, o referencial teórico do trabalho começou a ser traçado na tentativa de melhor se obter respostas do fenômeno a ser estudado.

Fez-se necessária a busca por temas que tinham como foco a vida noturna em grandes cidades, assim como aqueles trabalhos já existentes na área de estudo - bairro Cidade Baixa – a fim de que se pudesse analisar sua metodologia para embasamento e levantar informações relevantes, sendo esta a parte inicial e de grande importância para o prosseguimento do trabalho. Leituras com maiores detalhes sobre territorialidades e suas especializações foram resolvendo os problemas referentes à construção do trabalho.

De forma geral, as bibliografias estiveram presentes do início ao fim desta monografia, pois em sua elaboração dúvidas sobre conceitos e reflexões foram surgindo para complementar.

2.2 Trabalho de Campo

O método etnográfico da pesquisa faz parte do campo de pesquisa antropológica, adotando procedimentos técnicos próprios, como observação e entrevista, que se utiliza de outros campos teóricos para análise e interpretação das realidades sociais. É através do exercício do olhar para perceber e do escutar para entender que a pesquisadora ou pesquisador irá conseguir se situar no interior do fenômeno, participando efetivamente nas formas de sociabilidade, por meio das quais a realidade investigada lhe apresenta (ROCHA; ECKERT, 2008). Como já afirmava Magnani (2002) apud Montoya Uriarte (2012), o método da etnografia não pode e nem deve se reduzir a uma técnica, se utilizando de várias conforme as circunstâncias da pesquisa, sendo um modo de assimilação de um conjunto de procedimentos.

Entre outros métodos existentes de pesquisa qualitativa, aquele que mais se mostrou adequado para uma abordagem mais horizontal foi o de observação direta e entrevista semi-estruturada. Da observação direta podemos extrair muitas informações através de um olhar sensível de quem pesquisa aos detalhes dos acontecimentos do fenômeno. Para este trabalho, devido a minha familiaridade com a área de estudo, houve certa facilidade em interagir com os entrevistados e abordar sobre questões relacionadas à rua.

A metodologia da entrevista semiestruturada mostrou-se mais convidativa para o objetivo da pesquisa e tem como característica “questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses, que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador.” (TRIVIÑOS, 1987 apud. MANZINI, 2004). A partir disso, a pessoa que estará pesquisando conseguirá manter a presença consciente e atuante no processo de coleta de informações. Com o uso da entrevista semiestruturada é possível explicar e compreender os fenômenos sociais descritos a partir de falas de quem está inserido no objeto estudado.

Da mistura da pesquisa antropológica com a abordagem cultural da Geografia, Bonnemaison (2002) definiu *etnogeografia* como a pesquisa que tem como base não apenas um grupo social, mas sim indivíduos que frequentam determinado lugar geográfico - um recorte no espaço - que é a Rua João Alfredo. Neste caso, iremos analisar os resultados obtidos a partir de entrevistas com frequentadores da rua, e a partir do recorte espacial entender a relação desse grupo social com o território. A partir disso, seu caráter passa a ser fenomenológico, qualitativo e subjetivo, tendo como finalidade, este estudo, fazer um levantamento a partir da convivência, conversas e questionamentos com usuários da Rua João

Alfredo no turno da noite, sobre a sua percepção da paisagem e relação com o lugar. Houve necessidade do recorte espacial dentro do bairro Cidade Baixa, pois o movimento é distinto se comparado a outras ruas, como a General Lima e Silva, José do Patrocínio ou República, que, apesar de contarem com estabelecimentos que abrem durante a noite, a quantidade de pessoas é inferior comparada à área de estudo, além de implicar em outras situações, como posicionamentos por parte de meios de comunicação e da própria Associação Comunitária dos Moradores da Cidade Baixa, onde pressionam entidades de gestão pública para fechamentos dos estabelecimentos ou limitação de horários no bairro, principalmente na João Alfredo.

A coleta de dados foi realizada em cinco atividades de campo, convivendo e registrando o cotidiano daqueles e daquelas que frequentam a rua. O levantamento de campo se faz necessário para melhor compreensão da realidade existente na área de estudo, pois somente vivenciando o ambiente que questões sociais mais profundas podem ser respondidas. Como exemplifica Nécio Turra Neto (2008),

“(…) Na pesquisa qualitativa, a teoria pode e deve ser reconstruída no processo de interpretação da realidade particular e não engessar a capacidade imaginativa do pesquisador. Como se percebe, trata-se de uma metodologia que requer um envolvimento do pesquisador com o grupo a ser estudado. Uma convivência demorada, uma participação na vida das pessoas, que transforma tanto o grupo quanto o pesquisador. Um processo de desvendamento mútuo que, depois, é transposto ao texto etnográfico como resultados da pesquisa. Por isso, observação participante, como afirma Becker (1999), é um tipo de metodologia que exige certo grau de improvisação...”

As entrevistas foram feitas com a ajuda de um roteiro básico de perguntas para guiar (quadro 1) e, quando necessário, para retomar o foco da conversa sem direcionar as respostas (as mesmas foram gravadas por áudio com a permissão dos entrevistados, sendo conduzidas com respeito ao entrevistado). O diário de campo, assim como levantamentos fotográficos, se fez importante durante as entrevistas e observações, descrevendo a dinâmica do lugar e detalhes observados. Para melhor compreensão por parte dos entrevistados, a ideia de tentar aproximar a realidade acadêmica com a realidade das ruas se fez necessária devido à tentativa de refletir sobre a utilização de termos não-acadêmicos, de certa forma mais genéricos, utilizados fora da academia, de fácil entendimento para que não houvesse dúvidas sobre o que estava sendo abordado.

O questionário para as entrevistas do estudo foi refletido abordando questões mais

genéricas, como idade e bairro onde a pessoa reside, para dados quantitativos, e questionamentos a respeito do motivo pelo qual escolhe frequentar aquela rua em específico e de questões atuais envolvendo gestão pública, para dados qualitativos. Para fins de privacidade e a pedido de sigilo por parte de alguns entrevistados, substituí seus nomes por de estrelas, já que estas só podem ser observadas no período da noite, assim como as e os entrevistadas(os) na Rua João Alfredo.

Quadro 1. Perguntas guias da entrevista semi-estruturada.

1. Por que frequenta a Rua João Alfredo?
2. Há quanto tempo? Frequentam outra rua?
3. Qual a opinião sobre a questão do confronto com a Polícia e com moradores?
4. Qual a leitura de uma forma geral da rua?
5. Idade:
6. Bairro onde residem:

2.3 Registros Midiáticos

Como parte da metodologia para análise do trabalho, foram recolhidas informações divulgadas em *sites* de comunicação através do *Google*, onde foram selecionadas apenas aquelas do ano de 2017, ou seja, as notícias mais recentes dos principais veículos de informação.

A busca foi feita desde que pesquisa se iniciou, onde houve cobertura da mídia nos casos de confronto entre policiais e frequentadores. O material foi acumulado e separado em tipos de notícias, como fechamento de estabelecimentos e seus motivos, posicionamentos contra restrição horária dos estabelecimentos por parte do Movimento Viva Cidade Baixa!, conflito entre moradores e frequentadores, conflito entre polícia e frequentadores, posicionamentos por parte das instituições públicas (reuniões e decretos por parte da Câmara de Vereadores e recomendações do Ministério Público) e uma possível reestruturação e soluções para a rua João Alfredo.

A partir das informações coletadas, foi possível sistematizar e compreender posicionamentos com tendências a mesma opinião, sejam motivados por interesses particulares de cada veículo, dos moradores, frequentadores, políticos ou econômicos.

2.4 Informações Cartográficas

Para complemento dos dados obtidos em campo, foi utilizado um Sistema de Informação Geográfica (SIG), que tem como finalidade coletar, sistematizar, espacializar e visualizar informações através de programas especializados em vetores ou imagens raster.

Neste estudo foi operado o *software ArcGIS*© 10.3, disponível em laboratórios na Universidade, com a finalidade de se obter mapas da delimitação da área de estudo, assim como da localização territorial dos entrevistados e associar as fotografias utilizadas. A base de dados foi fornecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e modificados conforme necessidade para construção desses mapas. O sistema de coordenadas usado foi Sirgas 2000 e a projeção UTM (Universal Transversa de Mercator), zona 22S.

2.5 Sistematização dos Dados Coletados em Campo

Após o levantamento dos dados adquiridos em campo, entrevistas, fotografias e aquisição de áudios, houve sistematização e seleção do material, sendo interpretados a partir de sua análise em relação à área pesquisada.

As entrevistas foram transcritas a partir dos áudios (ressalva algumas que não puderam ser gravadas), separadas por tópicos com base nas perguntas e nos temas abordados. Apoiando-se nas respostas, o material inutilizável foi descartado para melhor acessibilidade e compreensão dos resultados. Posteriormente, dados quantitativos e qualitativos foram desagregados para finalidades diferentes.

Devo frisar que o material quantitativo coletado resume-se apenas a bairros onde os entrevistados residem e idades, devido à complexidade em abordar outros temas como escolaridade, renda, quantidade de filhos, profissão etc, nesse ambiente que inclui pessoas com as mais diversas concepções de vida, podendo parecer invasivo a alguns grupos.

2.6 Análise da paisagem por fotografias

O uso de fotografias como ferramenta para análise da paisagem é de relevância na Geografia devido ao conjunto de detalhes que pode proporcionar ao leitor, já que a descrição por si só pode não ser suficiente.

As imagens foram organizadas para serem interligadas aos demais dados. A partir disso, após as atividades de campo, as fotografias foram separadas em categorias para análise,

conforme o quadro 2 (baseado em Rodrigo Araujo (2017), onde verificou-se o tema da foto, data e horário, objetivos, contexto e o movimento da rua a partir da imagem.

Quadro 2. Fichamento de identificação das fotografias.

Código da imagem: Loc_2(1)	CATEGORIZAÇÃO	
	Tema	Movimento na Localização 2
	Data	02 de dezembro de 2017
	Horário	Próximo das 23hrs
	Objetivos	Registro do movimento em determinado horário
	Contexto	Registro na Rua Luiz Afonso
	Movimento	Pequeno

3 TRAMA CONCEITUAL

3.1 Espaço geográfico e territorialidades

A utilização de fundamentação teórica se faz importante para auxiliar como base do estudo que se seguirá, assim como para reforçar ou questionar os próprios conceitos que serão abordados. A partir das diversas concepções sobre os significados que a palavra território pode ter, nesse trabalho será abordado e discutido aquela que está vinculada a questões relacionadas à cultura.

O termo *Cultura* pode ser interpretado de diferentes formas e dependerá do seu contexto. Por exemplo, pode ser designado como um indicativo de que um grupo social tem conhecimento superior a outros, muito associado à educação, ou vinculado ao lazer cultural, onde engloba elementos como museus, bibliotecas, cinemas, etc. Aqui assumirei que é a representação em todas suas formas de uma população que tem conexão - seja pela língua falada, escrita, modo de pensar, agir, identificação simbólica - com um determinado território.

A partir da análise histórica da ciência, podemos entender que a geografia foi modificando seu caráter a partir de focos diferentes, já que sua origem era de caráter conservador, onde se mantinham estudos a partir de visões econômicas ou ambientais, em que

tentavam explicar as relações existentes no espaço a partir da economia ou aspectos físico-geográficos. Nessa nova fase da Geografia é possível fazer ciência a partir de conhecimentos populares, se utilizando de símbolos, línguas, afetos ou analisando valores e normas de determinada cultura, já que a escala de estudo será regional ou local, ou seja, quem pesquisa precisará ter contato com a cultura analisada, refletindo a partir de um posicionamento filosófico, mas com ideia clara de que cada lugar terá suas peculiaridades. A partir disso, é possível obter uma melhor compreensão das ações humanas no espaço e entender que a ciência precisa ser de caráter social, valorizando os saberes e fazeres populares, já que determinados grupos sociais são destacados e classificados a partir de uma cultura sobresaliente, onde sua relação com o mundo é marginalizada pelo Estado ou por aquela cultura (ou representação) que se coloca acima de outras (etnocêntricas). A Geografia Cultural assume o papel de resgatar esses conhecimentos e valorizar a diversidade cultural existente a partir da comunicação com as mesmas, de dados empíricos, simbólicos, psicológicos, emocionais, etc. Assim, analisa o território não só de uma perspectiva hegemônica de poder – como o do Estado - mas também de uma certa horizontalidade advinda de grupos culturais que se postulam com uma determinada identidade. A abordagem cultural sobre território, não somente do ponto de vista físico e limitado, servirá como base para prosseguimento do estudo, vinculando conceitos teóricos para embasar a metodologia.

O conceito de território está relacionado aos diferentes tipos de poder existentes, não apenas ao tradicional (poder político), como também diz respeito ao poder mais concreto, de dominação, ao poder simbólico, de apropriação. Lefebvre (1986) distingue apropriação de dominação, sendo o primeiro de origem simbólica, relacionado ao uso e ao seu valor, carregado de marcas do vivido e da subjetividade coletiva; já “dominação” é de origem mais concreta e funcional, vinculado ao valor de troca (HAESBAERT, 2004). É a partir da apropriação que diferentes grupos sociais se territorializam, dando origem a uma grande diversidade de territórios que se sobrepõem e se modificam conforme a necessidade social. Haesbaert (2004) afirma que o espaço geográfico é híbrido: o território é regido pelas múltiplas relações de poder, do mais concreto (relações econômico-políticas) ao mais simbólico, de origem cultural (espaços subjetivos).

Para Corrêa (1994), etimologicamente a palavra território deriva do latim Terra e Torium, significando terra pertencente a alguém. Esse *pertencer* não tem significado necessariamente no sentido de propriedade, mas sim de apropriação. Essa, quando está vinculada ao controle de fato - efetivo - pode ser legitimada por parte de instituições ou grupos que estão sobre um dado segmento do espaço, vinculando-se, então, à geopolítica. Por outro

lado, essa apropriação também pode assumir uma dimensão afetiva, derivada das práticas espacializadas a partir de grupos distintos definidos. Os dois significados podem combinar-se e definir território apropriado, de direito, de fato e afetivamente.

Em Souza (2009), território não se confunde com espaço, nem com a materialidade concreta, pois território é uma relação social de poder que se projeta sobre os espaços construídos. Já para Saquet (2010), o território é apropriado e ordenado por relações econômicas, políticas e culturais, cada um com suas singularidades, sendo resultado e condição da relação social-natural. Pode ser considerado como um espaço de identidade ou onde um grupo social se identifica a partir de um sentimento e percepção de mundo, independente de sua forma espacial, que varia conforme a cultura, podendo ser imaginário. Uma parcela de espaço pode ser identificada como território quando está associado a uma mesma identidade, reunindo quem divide o mesmo sentimento (BONNEMAISON, 1997). A sua formação dá às pessoas que o habitam a consciência de participação. Como consequência, provocará o sentido de territorialidade, criando uma consciência de confraternização entre elas de uma forma subjetiva (ANDRADE, 1995).

3.2 Questões identitárias e a relação com a paisagem

A territorialidade traduziria o conjunto do que se vive no cotidiano, como as relações familiares, com o trabalho, com o ambiente, etc, sendo um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte de um mesmo ou diferente grupo, resultado do processo de produção de cada território, fundamental para que uma identidade se fortaleça. As territorialidades estão minuciosamente conectadas a cada lugar, podendo ser contínuas ou descontínuas no tempo e espaço: são elas que fornecem identidade a partir das condições históricas e geográficas. São essas relações sociais cotidianas de dimensão subjetiva num determinado espaço que se pode entender como territorialidade; são elas que constituem o território - num determinado lugar - para os grupos sociais envolvidos (SAQUET, 2009).

A territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas (...) resultado e determinante do processo de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de domínios de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações (SAQUET, 2010, p. 129).

A partir da concepção de diferentes territorialidades devido à existência de diversas culturas, sendo estas produtoras e reprodutoras de suas próprias normas, regras, formas estéticas, simbolismos, etc, devemos conceber a ideia de que cada território conterà marcas onde traduzem determinada forma de vida, sendo estas expressas na paisagem, que pode ser reinterpretada e modificada conforme a sua ocupação.

Guimarães (2002) afirma que a paisagem existe a partir da relação entre o sujeito coletivo e o espaço social em que habita (apropriação e transformação da natureza pela humanidade) sendo o resultado dos processos de territorialização correspondente a um determinado tempo, possuindo significados através de seus simbolismos. Portanto, a paisagem pode ser considerada como um suporte de determinada identidade, pois as ideias, valores e símbolos de uma cultura podem ser encontradas e materializadas ali. Pode ser construída a partir dos simbolismos de uma cultura, dando origem a uma territorialidade que mescla todos os valores, normas, regras, formas materializadas arquitetônicas, culturais, (...) que um grupo social concebe. A partir das vivências por parte do coletivo, grupos étnicos ou do individual, a paisagem adquire significações e é modificada a partir das transformações no território devido à reinterpretação dos símbolos e significados. Pode também ser caracterizada como a dimensão concreta onde as atividades humanas - ou o ecossistema humano - se reproduzem, e pode ser lida como a combinação de processos naturais e antrópicos, sendo modificada, sobreposta e percebida conforme determinado grupo social a entende e concebe sua importância, não residindo somente no sujeito ou objeto, e sim na interação destes dois termos (AMARAL, 2001).

A partir do momento em que é lida, atuará como instrumento de transmissão, reproduzindo determinada ordem social. É através dela e de nossa "amnésia cultural", como afirmou Duncan (2004), que pode servir como uma poderosa ferramenta ideológica, onde indivíduos ou grupos podem se utilizar da paisagem como um meio para fortalecer relações hierárquicas de poder, alienando indivíduos que convivem naquele espaço social.

Guimarães (2002) alega que a paisagem tem caráter sensível e afetivo, unindo os seres humanos a partir de laços criados pelas vivências naquele lugar. Assim, podemos conceber que o termo está vinculado a formas de organização, arranjo e leitura do espaço humano, sendo resultado de uma objetividade que emergiu de uma subjetividade coletiva/individual, sendo relacionada a processos de cognição, percepção, afetividade, memória, alienação e construção de imagens. É a herança através do espaço-tempo de formas de concepção de mundo, traduzindo uma identidade e personalidade: é ali onde se pode encontrar elementos, símbolos e padrões que caracterizam um grupo social. A paisagem torna-se importante quando vinculada a

recordação do espaço físico investida de afetividade e significações, sendo o suporta para uma identidade.

A paisagem é resultado de uma realidade, que não é fixa, não podendo se desenvolver em isolamento, pois as alterações produzem reações nas outras vizinhas (AMARAL, 2001). Claval (2001) afirma que a paisagem é o resultado da humanidade e de seus esforços devido às suas necessidades básicas para habitar o mundo, marcada por técnicas materiais que a sociedade domina, moldando conforme suas convicções religiosas, ideologias ou gostos estéticos. É através da compreensão e leitura dela que se pode entender as diversas culturas existentes e que existiram no passado.

Desse modo, como comentado anteriormente e vinculando ao conceito de paisagem, “lugar” acaba sendo abordado como um espaço alterado pelas vivências dos indivíduos que criam laços afetivos com essa paisagem e suas territorialidades, projetando sentimentos de fobia para quem não frequenta aquele ambiente ou não concebe a cultura que ali se manifesta. É através das territorialidades que esses lugares tornam-se importantes na vida de quem ali faz o seu cotidiano, acolhendo, em alguns casos, mais de uma identidade, articulando experiências e vivências no espaço.

São nesses lugares que as microterritorialidades irão se desenvolver, mesmo que de forma temporária. Para Heidrich (2013), quando “a construção da identidade é reforçada pela vinculação do jovem a um grupo, portanto, um atributo mais social do que territorial, ela apenas se completa com a prática que, por se efetivar como marcação em espaço, adquire então o vínculo territorial. E a lógica se propaga interna e externamente devido à relação com o outro grupo. O jogo tem a ver com a diferenciação e vai implicando mutuamente sujeitos e territorialidades.” Reiterando o autor, o reconhecimento da existência de uma identidade entre seus atores é um aspecto comum e singular às práticas dos usos dos espaços.

O meio urbano é um conjunto das multi-microterritorialidades existentes devido à diversidade cultural, ocasionando sentimentos de multipertencimentos (HEIDRICH, 2013), dando à cidade um caráter de constante modificação dos espaços sociais para as diferentes finalidades. Ainda para o autor, o urbano pode ser visto como um campo de coexistências, reunindo diversos contextos, sobrepostos e multiterritoriais, expressando diferentes modalidades de convívio e usos no cotidiano, porém não proporciona necessariamente um diálogo participativo de grupos territoriais. Como os territórios estão vinculados a questões identitárias representado suas culturas, as relações de poder exercidas economicamente e politicamente podem focar em territórios específicos em relação às políticas públicas e suas prioridades. Não somente relações de poder econômica-políticas, mas também de origem

etnocêntrica, onde há marginalização de grupos sociais devido a hierarquização de modos de vida.

Claval (1999) alega que existe ligação entre os problemas do território e questões identitárias: o espaço social dos territórios originado a partir da construção de representações está vinculado à construção de identidades, sendo produto da cultura em um certo ambiente. Quando há crises identitárias, frequentemente provocam uma modificação de relação com o espaço, transformando a realidade espacial e correndo o risco de provocar questionamentos das referências de identidade, se reformulando e reconstruindo sobre novas bases.

Para Relph (1976), através da relação entre Geografia e Fenomenologia, o lugar deve ser analisado através das experiências diretas do mundo e da consciência subjetiva do ambiente em que se vive, sendo o espaço geográfico a representação cultural cheia de significados e simbolismos, a base da existência humana. Holzer (1977) salienta que é essencial o conceito de lugar dentro da Geografia Fenomenológica, pois é o eixo dos estudos do espaço geográfico. Tuan (1983) afirma que o lugar é o espaço dotado de valor e que torna-se realidade quando passa a ser familiar para o indivíduo.

Como já afirmava Duncan (2004), “a tarefa do geógrafo cultural é mostrar como os relatos locais são constituídos dentro de um sistema de significação, conectados a outros elementos dentro do sistema cultural produzido dentro de uma ordem social.” Para este estudo os conceitos de território, territorialidades, lugar e paisagem adquirem importância para dar prosseguimento em relação à metodologia, já que são necessários na tentativa de compreender as microterritorialidades existentes no meio urbano, as relações humanas dentro de sistemas de significações, conectadas desde o local e sendo modificada a partir do global.

3.3 O espaço urbano e a cultura da noite

A partir do entendimento de que o espaço urbano é um agrupamento de multi-microterritorialidades, onde ações por parte dos agentes modificam o território em função de uma determinada finalidade, seja para moradia, comércio, diversão, (...) abordaremos sobre territorialidades que surgem no período na noite em áreas urbanizadas na tentativa de compreender a relação dessa prática com a cultura urbana. Para mais, entender a relação entre esses espaços físicos do ambiente urbano com as práticas sociais, anteriormente já evidenciado por Gois (2015).

Para melhor compreensão durante a análise das entrevistas com os frequentadores da Rua João Alfredo, se faz necessário entender a partir de um contexto mais generalizado como

se dão certas práticas comuns em ambientes urbanos à noite, já que cada lugar apresenta suas peculiaridades, histórias, formas de organização espacial e motivos para que esse tipo de relação exista. Quando abordamos sobre o espaço urbano, se faz necessário compreender as incontáveis possibilidades e características que estão vinculadas a ele, já que um difere do outro devido a sua origem: a heterogeneidade da sua construção dependerá de sua geografia, história, práticas econômicas, políticas, sociais, culturais, etc.

Para Ana Carlos (2007), a cidade é o lugar do possível que aponta possibilidades futuras que se tecem no presente do cotidiano, com expressões e significações, onde o espaço urbano apresenta um sentido profundo, revelando-se condição, meio e produto da ação humana - por seu uso - ao longo do tempo (realidade espacial concreta em um movimento cumulativo) dando sentido à vida humana em todas as suas dimensões e realizações:

“A cidade, enquanto construção humana, é um produto histórico-social e nesta dimensão aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico de uma série de gerações. Expressão e significação da vida humana, obra e produto, processo histórico cumulativo, a cidade contém e revela ações passadas, ao mesmo tempo em que o futuro, que se constrói nas tramas do presente – o que nos coloca diante da impossibilidade de pensar a cidade separada da sociedade e do momento histórico analisado.”

Para a mesma autora, a análise espacial da cidade revela a indissociabilidade entre espaço e cidade. É neste espaço onde há uma inseparável articulação entre os três planos - econômico, político e social - revelando dimensões que compreendem desde o local ao global e que dá origem ao processo de mundialização da sociedade urbana, com tendência a generalização do seu processo de urbanização. Este processo estará apontando para uma contradição existente entre as persistências - o que resistem e se reafirmam - e o que é novo na sociedade (modernização). Pode-se dizer que o que caracteriza a reprodução da cidade nos dias atuais é a sua capacidade de preservar, degradar e transformar o espaço. Com isso, podemos entender que as práticas sociais existentes são responsáveis pela produção do espaço, onde seu uso é apontado como o modo de reprodução da vida humana através dos modos de apropriação do mesmo.

A partir disso podemos abordar sobre a relação entre o cotidiano e a reprodução do fenômeno urbano dentro da cidade, sendo esta carregada de especificidades que condizem às suas funcionalidades, que estão conectadas aos diferentes tipos de realidades e poderes existentes. A esfera da vida, contendo as suas formas, ocupações e finalidades, produz o espaço urbano através do cotidiano (a persistência e continuidade de determinadas ações no espaço

ajudam a perpetuar o urbano). Dentre essas ações, devemos tentar compreender o que são as práticas noturnas e como elas se reproduzem dentro do espaço urbano, ou seja, designar quem são os reprodutores da vida noturna no cotidiano das cidades.

Marcelo Pereira (2016) argumenta que a diversão noturna é caracterizada por ser um fenômeno essencialmente urbano, já que este viabiliza e facilita o encontro devido à lógica espacial. Assim, a rua torna-se um ambiente dotado de novidade, o que diferencia da nossa concepção de lar e de sua monotonia.

"Nada acontece em casa, em contraste com o espaço da rua, onde tudo pode acontecer, onde as novidades se apresentam. Ficar em casa significa ter que preencher o tempo vazio, quando não se tem nada que fazer, a não ser as tarefas da escola ou ajudar a mãe com as tarefas domésticas. Para preencher o tempo, para gastá-lo, crianças e jovens buscam algo ou alguém com quem possam desfrutar esse espaço. É significativo o fato de que, para a maioria de crianças e jovens com quem conversamos, a atividade mencionada do que mais fazem em casa é assistir à televisão, ou escutar o rádio... (CASTRO, 2004, apud PEREIRA, 2016)."

É nesse momento de ócio que, em sua grande maioria, jovens buscam opções para além dos limites de suas casas com a finalidade de confraternizar, já que a noite possibilita oportunidades que o dia não contempla, como poder relaxar das tarefas cotidianas convivendo com amigos. Comparando o argumento de Castro com esta pesquisa, devemos salientar que os jovens em questão, que frequentam a rua João Alfredo, fazem parte de um grupo diverso de pessoas, compreendendo idades desde próximas aos 20 anos até para pouco além dos 30. Nesse sentido, como afirmou Marcelo Custódio Pereira (2016), a noite acaba representando um fascínio para esses jovens, fazendo parte da rua e da experiência urbana, do estar em contato com o outro: "A noite, enquanto tempo usualmente do descanso, de ócio, de lazer e sociabilidade, passa a representar um tempo e espaço de refúgio, de fuga, cedendo suas fronteiras e sendo, de maneira simbólica, "territorializada" pelas juventudes."

4 O BAIRRO CIDADE BAIXA

4.1 Breve histórico

Para melhor compreensão de como se deu a evolução do bairro e de sua situação atual conectada à boemia é necessário rever pontos importantes que se destacam na história e na construção do mesmo.

A partir do século XVIII, na atual Cidade Baixa, foram se formando as delimitações de sítios e chácaras na região com a chegada dos açorianos ao município de Porto Alegre. Uma chacara de grande extensão territorial era de posse da Baronesa do Gravataí e essa se utilizava da mão de obra escrava. No final do século XIX, o bairro iniciou seu processo de ocupação e urbanização a partir do loteamento da região. Depois de sofrer esse processo de parcelamento do solo, as pessoas escravizadas então libertas começaram a se estabelecer nessa área próxima ao Centro Histórico, pois não tinham condições financeiras para comprar terrenos a fim de estabelecer uma nova vida. Estes locais eram denominados Areal da Baronesa e Ilhota (FRYDBERG, 2007 apud ARAGÃO, 2017).

Para Germano (1999, p.167), a condição anterior de onde hoje está localizado o bairro Cidade Baixa, até mesmo a rua João Alfredo, era repleta de atividades vinculadas ao meio físico, onde o Riacho marcava significativamente o cotidiano desses espaços, tanto por suas frequentes inundações, fazendo com que muitos moradores perdessem o pouco que tinham, quanto pelas vivências das populações que ali habitavam. O Riachinho (figura 5), ou Arroio Dilúvio, não somente representava uma fronteira física, mas também simbólica, já que a região estava associada a uma população marginalizada, negra e pobre:

"(...) Suas ruas e becos, seus casebres e cortiços, seus botecos, suas casas de batuque, suas rodas de samba, seus carnavais, seus blocos e cordões são inseparáveis do Riacho, também denominado Riachinho, que definia naquela época grande parte da fisionomia dos territórios. Os matagais, as árvores nativas e frutíferas, os arbustos, o aspecto praiano, a areia, a terra molhada, o coaxar dos sapos, as moscas, o barro nos dias de chuva, a poeira nos dias secos, o som das águas correndo até desembocarem no Guaíba, as pequenas embarcações, as pontes precariamente construídas que ligavam o Areal e a Ilhota ao resto da cidade eram vivências cotidianamente experienciadas por seus moradores."

Após esse processo de ocupação do território, algumas populações foram afastadas de suas moradias na tentativa de evitar a proliferação de cortiços durante uma época de políticas de higienização, sendo possível notar atualmente características dessas edificações antigas e de relevância histórica.

Nessa mesma época já era possível notar traços de vida boêmia, onde era comum botecos e tavernas. Além disso, foi um espaço onde ocorriam festas carnavalescas e

sociabilidades negras. O universo simbólico de descendentes de africanos estava marcado no território da Ilhota, onde nos anos 30 e 40 esteve muito associado ao samba, batuque e carnaval popular realizados pela população negra (GERMANO,1999).



Figura 4. Rua da Margem na década de 1930. Fonte: acervo Fototeca Sioma Breitman – fotógrafo Jacob Prudêncio Herrmann.

Desde seu processo de ocupação e urbanização, o bairro já recebeu vários nomes, como Arraial da Baronesa, Emboscadas, Areal da Baronesa e Ilhota, recebendo o nome atual devido à sua localização, situada ao sul da colina da Rua Duque de Caxias. Já a Rua João Alfredo era conhecida antigamente como Rua da Margem (figura 4), que fazia parte do percurso final do Arroio Dilúvio - antes de ser retificado - e sofria com constantes inundações, guardando traços físicos da história dos séculos anteriores.

O espaço atualmente está muito associado à cultura popular. Essas são as principais características históricas que marcaram o que foi o Areal e a Ilhota, que hoje lutam na tentativa de se manterem vivas como parte da atual Cidade Baixa, conforme consta Germano (1999): "territórios associados no imaginário local à marginalidade urbana, à pobreza e mão de obra barata, mas também à cultura popular, expressa no futebol de várzea, nos batuques, danças, ritmos e festas organizadas pelos segmentos negros da população, como o carnaval à base de ritmos de percussão e gingados sensuais, embalado por composições que expressavam seu universo cultural." A partir dessa intensa e rica cultura, saíram personagens importantes que marcaram a história de Porto Alegre, como Lupicínio Rodrigues, importante compositor e sambista boêmio, nascido em 1914 e criado na região, e Tesourinha, ex-jogador do Internacional, Seleção Brasileira, Vasco da Gama e posteriormente foi o primeiro jogador

negro a ser contratado pelo Grêmio, em 1952.



Figura 5. Mapa ilustrativo do território que constituía a Cidade Baixa (SANTOS, 2010 apud SILVA, 2014)

A região sofreu intensas modificações, aos poucos foi sendo urbanizada, pavimentada, além de receber obras de drenagens. Interesses imobiliários foram surgindo na região, transformando fisicamente e socialmente a área, onde desencadeou um grande processo de gentrificação. Conseqüentemente, ocasionou o afastamento da população de baixa renda e substituiu por uma nova classe social mais elitizada (SOUZA, 2008 apud ARAGÃO, 2017).

O bairro atualmente possui população heterogênea e sua arquitetura é composta por edificações tombadas e que permaneceram conservadas, assim como por estruturas modernas. É conhecido por suas atividades culturais, desde carnavais de rua, feiras, passeios turísticos, palestras, festas populares (...), atraindo moradores de todo município, além de suas intensas atividades noturnas, desde bares e restaurantes a casas noturnas. Apesar de se notar práticas diurnas no local, como comércio, restaurantes, escolas, circulação de moradores e frequentadores, a Rua João Alfredo tem como principal atividade - tanto econômica quanto social - a vida noturna. Portanto, é um bairro caracterizado por seus principais usos do espaço: residencial, comercial e boêmio. Além disso, ainda conta com o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, sendo uma casa construída entre 1845 e 1853 pelo comerciante Lopo Gonçalves Bastos, na antiga Rua da Margem. Recebeu esse nome em homenagem ao político, abolicionista e monarquista brasileiro João Alfredo Correia de Oliveira.



Figura 6. Museu Joaquim José Felizardo. Fotografia do acervo pessoal. Dezembro de 2017.

Segundo a Prefeitura Municipal de Porto Alegre em conjunto com IBGE, Censo de 2010, o bairro Cidade Baixa possui 18.450 habitantes, representando 1,31% da população do município. Sua população jovem - dos 19 aos 29 anos - era de 4.917 no ano de 2010 e a população negra representava um valor absoluto de 1.542 pessoas. Quanto a população idosa - acima de 60 anos - o valor era de 3.550 e adultos, 7.984 (30 a 59 anos). Sua área abrange 0,93 km², representando 0,20% da área do município, sendo sua densidade demográfica de 0,198 habitantes por m². A taxa de analfabetismo é de 0,36 % e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 5,92 salários mínimos.

Diferentemente dos outros bairros do município, a Cidade Baixa tem seu comércio voltado para os dois turnos do dia e para diferentes consumidores, gerando emprego em diversas áreas, principalmente no setor dos serviços, acolhendo e proporcionando opções para quem busca por lazer no tempo livre ou de descanso, além de sustentar eventos e uma história voltada para questões culturais.



Figura 7. Rua João Alfredo no período do dia. Fotografia do acervo pessoal.

4.2 Vida noturna em Porto Alegre

Desde o surgimento do bairro Cidade Baixa, sua história está conectada ao imaginário porto-alegrense de uma vida boêmia. Anteriormente, o Areal da Baronesa e Ilhota, como era nomeado o bairro, compreendia um espaço boêmio e carnavalesco, portadora de sociabilidades da população negra (GERMANO, 1999). Ou seja, de algum modo o estilo de vida relacionado a boemia sempre esteve presente na formação do bairro, mas ambientados em contextos diversos, modificados conforme as necessidades políticas, sociais ou econômicas que beneficiavam principalmente o mercado imobiliário, como no século XX, onde a cultura popular, manifestada através do carnaval e samba, era associada à marginalidade e ao crime (SOUZA, 2008).

Não somente a região que compreende o bairro em questão era palco da boemia: o lazer noturno como conhecemos hoje também estava associado ao atual Centro Histórico do município de Porto Alegre, onde seu caráter portuário favorecia atividades em torno da Rua da Praia, como cafés, restaurantes, confeitarias, bares e cinemas (ARAGÃO, 2017). A descentralização das atividades voltadas à vida boêmia ocorreu após a década de 1950, onde a construção de avenidas e pontes passaram a ligar áreas centrais a outras mais periféricas.

Com isso, a região do bairro Bom Fim foi beneficiada pela forte atuação de investimentos imobiliários ao longo da década de 60, modificando a paisagem e transformando o bairro. Para Carneiro (1992), nessa mesma época o território foi sendo ocupado pela população mais jovem, tornando-se um “território livre de estudantes universitários de esquerda, aspirantes a intelectuais, boêmios, bêbados, loucos, hippies, yuppies, intelectuais de

verdade, professores, artistas, viciados, “magrinhos”, vagabundos e toda uma sorte de outras gentes jovens, ainda perplexas com 64 e 68”.

Para Ana Luiza da Rocha (2001), o bairro “é visto e reconhecido na memória da cidade como um território que manteve e fez perdurar o ato de adesão afetiva de seus moradores no seio das transformações urbanas sofridas na sua paisagem urbana. (...) O Bonfim passa a congrega um tipo de socialidade coletiva confusional que ali imperava, numa extensão da vida boêmia do centro da cidade. Da agitação política que reinava nos cafés, bares, casas de espetáculos e cinemas da Porto Alegre nos anos 20-40, o Bonfim herda a ambiência das conspirações e manifestações estudantis secundaristas e universitárias dos anos 50 e 60”. A partir dessa *atmosfera de efervescência cultural*, como afirmou a autora, o Bom Fim, ou Bonfim, tornou-se território enraizado de tribos urbanas a partir das décadas de 70 e 80 (grupos LGBTs, ecologistas, punks), das lojas de produtos naturais, templos de grupos esotéricos que dividia as atenções das autoridades locais, como o bar Lola, lancheria do parque e Ocidente, absorvendo entre outras novas sociabilidades coletivas.

Baseado no conhecimento acerca da história do bairro Bom Fim pode-se perceber a semelhança com a atual Cidade Baixa em relação ao movimento noturno que tem como protagonistas jovens, muitas vezes estudantes, em busca de diversão em momentos de lazer. Para Lucio Pedroso (2009), as principais bandas de rock de Porto Alegre fizeram suas primeiras apresentações no bairro, já que este abrigava uma pluralidade de práticas sociais e servia como espaço de ação livre para jovens de vários municípios da região metropolitana, produzindo e consumindo música, filmes sobre o cotidiano urbano e fanzines. O consumo de drogas também era intenso, já que as noites e festas não tinham hora para acabar. Eram nesses encontros onde se discutia sobre política, arte, música, cinema e também contracultura. Esses jovens andavam pelas ruas, calçadas, bares e pelo parque usando roupas com nomes de bandas, coloridas, pretas, rasgadas, cabelos raspados, longos, espetados.

O bairro Bom Fim conhecido pela vida boêmia já não existe mais. Aos poucos o público mencionado acima foi afastado por políticas que contavam com o apoio dos moradores do bairro: esses estavam descontentes com a forma como o espaço estava sendo ocupado, assim como com a chegada de uma nova geração no lugar e da expansão do lazer noturno para águas contíguas. Dessa forma, deu-se a decadência dessa territorialidade festiva a partir das próximas décadas (depoimento de Juremir Machado da Silva retirado do documentário “Filme sobre um Bom Fim”, de 2015). Com isso, houve um intenso deslocamento para o bairro Cidade Baixa, onde já havia tradição boêmia.

"Alguns desses espaços ainda hoje mantêm a dinâmica noturna como a Lancheria do parque, frequentada por habitantes do bairro, pseudo-intelectuais, estudantes da UFRGS e os punks que parecem ter no Bom Fim espaço de manifestação noturna. A partir dos anos 90, observou-se uma imensa migração para a Cidade Baixa, bairro com uma certa tradição boêmia. Tendo a presença do Guion (cinemas e bares) e do Opinião (casa de shows) como to como macro-atores, ocorreu uma proliferação de bares alternativos e junto com estes de "pessoas alternativas", que abandonam um pouco a política para assistir a filmes cult, beber e filosofar (MENDONÇA, 2004, apud FONSECA, 2006)".

Pedroso (2009) também reitera que “a partir do final da década de 1980, começou a haver uma fiscalização mais rígida nos bares feita pela prefeitura, uma maior repressão policial e uma mobilização da associação de moradores contra a boemia do bairro. Nos últimos anos, muitos freqüentadores dos bares fechados migraram para o bairro Cidade Baixa e os donos dos estabelecimentos precisaram buscar outras formas de sustento. Somente a Lancheria do Parque e o Bar Ocidente continuaram a funcionar à noite, porém foram obrigados a fazer modificações para se ajustarem às exigências da SMIC e da Associação de Amigos do Bairro Bom Fim.”

Em comparação à vida noturna conhecida na Cidade Baixa, a boemia também ocorre nas noites do bairro Moinhos de Vento, que tem suas origens na aristocracia da época de sua formação. Conforme evidenciado por Fonseca (2006), esse bairro parece ser um ambiente exclusivo de quem tem preferência pela sofisticação, produzindo certo contraste em relação à Cidade Baixa, que é um ambiente mais diverso, possibilitando mais opções com variação de preços, pessoas e lugares. Isso acaba atraindo mais diversidade ao bairro, pois seu espaço público era vivenciado pela população de imigrantes e pessoas escravizadas então libertas, os quais frequentavam bares e casas de jogos. Já no Moinhos de Vento o lazer estava ligado a atividades vinculadas à família, como passeios ao Joquey Clube. É possível notar essa diferença nas edificações, já que na Cidade Baixa as vilas e casas operárias estão dispostas em pequenos lotes; no Moinhos nota-se a presença de grandes lotes e de "boulevards”.

Com isso conseguimos entender que o processo de ocupação de lugares no período da noite pela população jovem tem tendência migratória no município de Porto Alegre por diversos motivos (figura 8). Mesmo com a repressão da polícia, da prefeitura ou dos moradores, não há intimidação por parte das novas gerações em ocupar novos espaços no período da noite, já que esta atividade é muito comum nas áreas urbanas, como foi observado em estudos anteriores, e talvez uma das poucas existentes na vida noturna. Assim como o Bom

Fim, as pessoas que se apropriam da *noite* na Cidade Baixa, encontram ali seu momento de aventura, enraizando a boemia no bairro.



Figura 8. Dinâmicas de territorializações do lazer noturno em Porto Alegre no século XX.
Fonte: Thaís Amorim Aragão, 2017.

5 RUA JOÃO ALFREDO ENQUANTO ESPAÇO DE SOCIABILIDADES

“Já sei pra onde vou: eu vou sentir o calor da rua!”

Francisco, el hombre

No período da noite, como foi colocado por alguns autores, a rua adquire outro significado: pode ser considerada como um espaço de transgressão, onde indivíduos encontram a liberdade que o dia não proporciona. O inesperado pode acontecer, a noite é o momento para romper com padrões de comportamentos mais inflexíveis esperados pela sociedade enquanto reprodutora de uma cultura mais rígida. Essa transgressão pode ser vista como a forma com que as pessoas se libertam do cotidiano usufruindo dos espaços públicos na vida noturna, já que esta é carregada de significados e julgamentos em relação às pessoas que adquirem hábitos noturnos. Para Góis (2015), o estereótipo pode ser explicado através da história:

“(...) Muitas das histórias do passado foram recontadas tendo em conta essa divisão entre aqueles que se dedicavam aos crimes ou às festas noturnas e os outros que preferiam o recolhimento. Neste sentido, a ideia de noite ainda conserva o seu caráter

de transgressão em relação ao dia, se mantém presa à ideia de ruptura, de espaço contestatório, como, por exemplo, em Cresswell (1998). Se durante o dia observamos o trabalho, a vigília e a ordem; a noite aparece o ócio, o lazer e o descanso. Uma divisão tão esquemática que nos traz mais dúvidas do que esclarecimentos.”

Para além desse rótulo, a Rua João Alfredo adquire um sentido mais complexo em relação à sua paisagem enquanto lugar, acolhendo homens e mulheres de diferentes idades, em sua grande maioria jovens, que buscam a rua por diferentes motivos, como será discutido abaixo.

Durante a pesquisa de campo, da observação e interação nesse espaço, foi possível perceber distinções entre públicos e locais, assim como horários diferentes de apropriação do território, que se reproduzem em finais de semana, como nas quintas-feiras, sextas e sábados, dias de maior movimento. É possível também notar que a permanência de grupos na Rua João Alfredo se reproduz em multimicroterritorialidades, ou seja, grupos de identidades heterogêneas com suas regras e condutas coexistem no mesmo ambiente.

Com base na observação atenta aos detalhes nesse espaço, um croqui foi desenhado para espacializar, facilitar a visualização e o entendimento de como se dão as apropriações em diferentes horários. Na maior parte dos casos, a rua começa a receber maior quantidade de pessoas após às 23 horas, onde começam a se aglomerar próximas a estabelecimentos de bebidas. Existe uma distinção dos horários de funcionamento de bares e casas noturnas. Conforme o Decreto nº 17.902, de 7 de agosto de 2012, foram impostos os horários de funcionamento das atividades de bar, restaurante, café e lancheria no bairro Cidade Baixa (disponível no *site* da Prefeitura Municipal de Porto Alegre):

"Art. 1º No Bairro Cidade Baixa, as atividades de bar, restaurante, café e lancheria, estabelecidas no Decreto no 14.607, de 28 de julho de 2004, terão os seguintes horários:

I – sextas-feiras, sábados e vésperas de feriados até às 2h00min, com tolerância de 30 (trinta) minutos, conforme determina o inc. IV do art. 1º da Lei Complementar no 415, de 7 de abril de 1998, incluído pela Lei Complementar no 623, de 23 de junho de 2009; e

II – de domingo à quinta-feira até a 01h00min, com tolerância de 30 (trinta) minutos, sendo que após as 00h00min, observado o disposto no inciso IV do art. 1º da Lei Complementar no 415, de 1998, incluído pela Lei Complementar no 623, de 2009, não serão permitidas mesas em recuos e em passeios públicos fronteiros aos estabelecimentos, bem como o funcionamento de “decks” externos e áreas abertas."

Outros estabelecimentos, como casas noturnas, precisam de aprovação da Prefeitura para liberação do seu Alvará para o funcionamento. A partir dessas informações podemos entender como se dá o movimento na rua em questão, mais precisamente entre a Rua da República e Luiz Afonso.

A João Alfredo adquire outra “personalidade” após as 22 horas nos fins de semana. Com isso, o croqui (figura 12) foi traçado com base nas atividades de campo, assim como olhar atento ao movimento, fornecendo informações referentes à aglomeração de pessoas em diferentes horários. Podemos notar que há locais onde grupos se concentram a partir das 23 horas e dispersam após às 2 horas. Esses pontos de encontro geralmente se dão em estabelecimentos de bebidas com horário limitado de atendimento. Além disso, há grupos que passam a frequentar a rua após a 1 hora, ocupando os mesmos espaços e se agrupando em outras localizações, como será discutido adiante.

No total de entrevistas realizadas somente nas sextas-feiras e sábados, somaram-se sete, onde aproximadamente vinte pessoas participaram da entrevista semi-estruturada durante cinco trabalhos de campo, desde grupos pequenos a indivíduos isolados. Sobre as pessoas entrevistadas, a idade média calculada foi de 26 anos, variando entre 19 e 35. De uma forma geral, a maioria dos entrevistados foram homens e uma pequena quantidade mulheres. Ocorreram duas entrevistas com grupos que frequentam a rua após a meia noite, realizadas próximas à Rua Luiz Afonso (Localização 2), onde a abordagem se deu de forma diferenciada se comparada com aquelas realizadas em frente aos bares situados próximos à República (Localização 1).

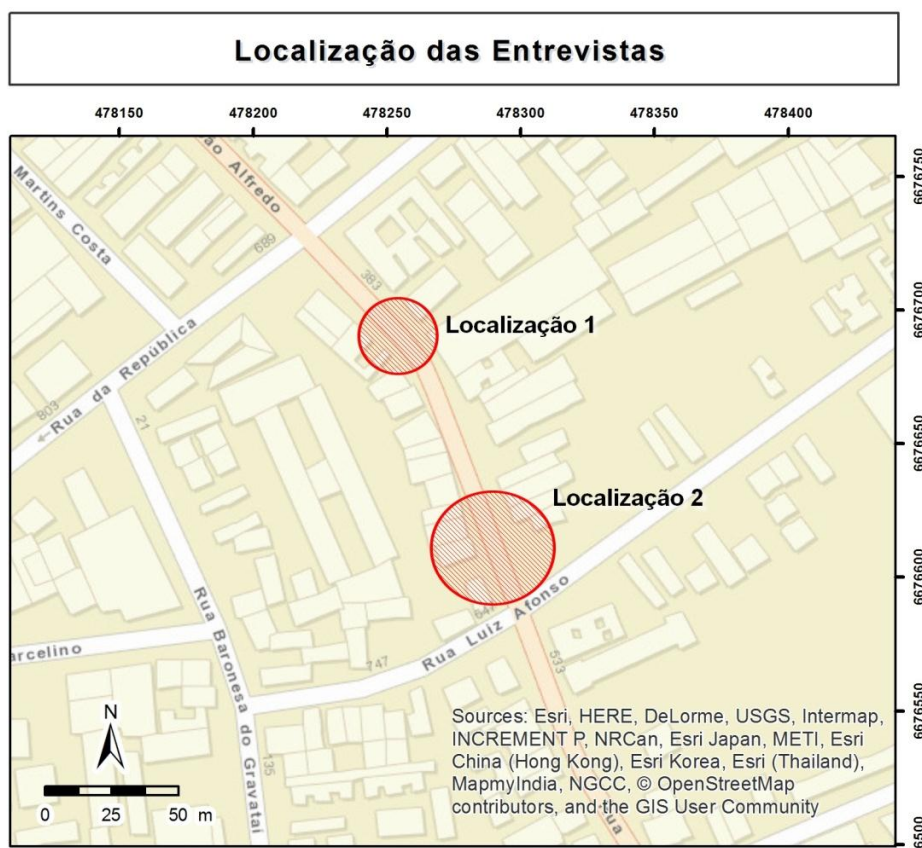


Figura 9. Mapa das Localizações 1 e 2 da área de estudo. Mapa do acervo pessoal. Dezembro de 2017.

Podemos definir a Localização 1 (figura 10) como um ambiente que contém traços de maior intimidade entre seus frequentadores, pois verificou-se a presença constante dos mesmos grupos e, por ter dimensão espacial menor, o contato gera maior intimidade entre os frequentadores. É caracterizado pela presença de jovens adultos de classe média com comportamento mais reservado, onde o encontro dá-se para discutir política e problemas contemporâneos, além do habitual encontro semanal entre amigos para compartilhar cerveja. A disposição do espaço e das pessoas é capaz de revelar qualquer conduta que se destaque na aglomeração, diferentemente da outra localização, onde a grande circulação de pessoas atenua certas atuações. Como foi colocado pelo entrevistado Atria, é um lugar de “anonimato”.



Figura 10. Localização 1 da área de estudo. Fotografia do acervo pessoal. Dezembro de 2017.

A Localização 2 (figura 11) é o recorte espacial onde incorpora uma quantidade de pessoas mais jovens de classe média e baixa. A alegria presente é explícita, manifestando-se em comportamentos e música alta. Assim, entendemos que as relações mais próximas estejam focadas no grupo de convívio, onde a necessidade de afirmar uma identidade esteja vinculada ao fortalecimento desse agrupamento.



Figura 11. Localização 2 da área de estudo. Fotografia do acervo pessoal. Dezembro de 2017.

Consequentemente, a escolha consciente ou inconsciente do local de permanência dependerá de suas percepções individuais; estas estão vinculadas a concepções de mundo que

englobam suas próprias reproduções de comportamentos, regras, simbolismos e atuações. A figura 9 indica o local de onde ocorreram as entrevistas.

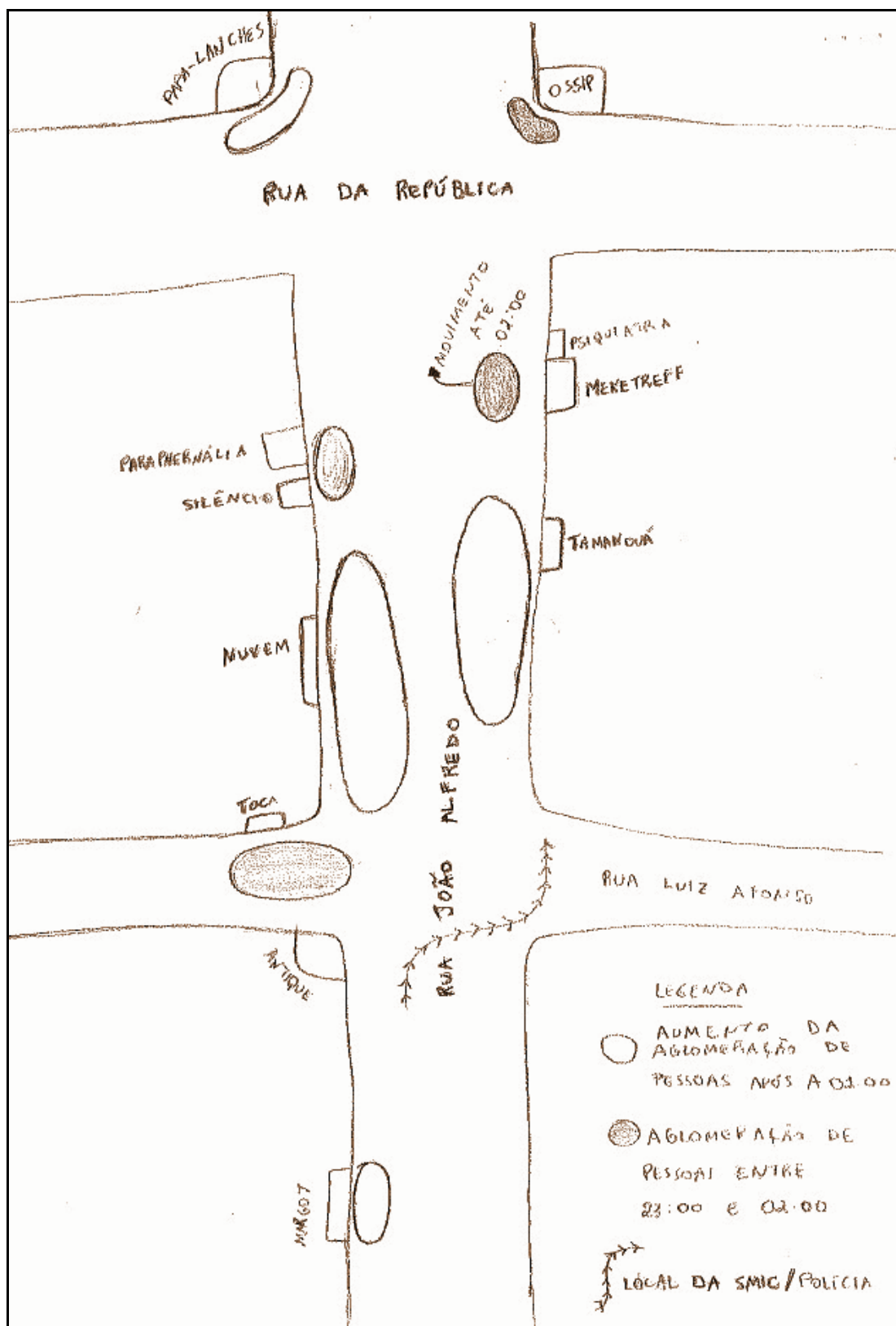


Figura 12. Croqui da Rua João Alfredo no período da noite.

A figura 13 representa os principais motivos de frequentar a rua abordados pelos entrevistados. A coleta de informações deu-se durante as entrevistas, onde houve mais de uma resposta por pessoa, agregando no entendimento do possível significado da rua para esses frequentadores. Podemos notar motivos como a segurança gerada pelo movimento na rua, a afetividade com o lugar e com amigos, bebida acessível, entre outros.

Os laços afetivos se criam com o ambiente, como foi citado em tópicos sobre *lugar*, onde alguns entrevistados abordaram sobre o sentimento de afetividade com a rua ou com amigos que também frequentavam o mesmo espaço, ou seja, através das vivências e experiências subjetivas, laços afetivos foram se criando pela conexão com as pessoas que ali frequentam e com o próprio ambiente, apropriando-se de determinada localidade da rua (espaço geográfico), dando origem a territorialidades, como podemos observar no croqui, distintos horários para diferentes grupos, cada qual em seu local pontual. É pela leitura da paisagem, conscientemente ou inconscientemente, da Rua João Alfredo que frequentadores associam aquele lugar de seu costume a uma ideia de ambiente amigável e seguro.

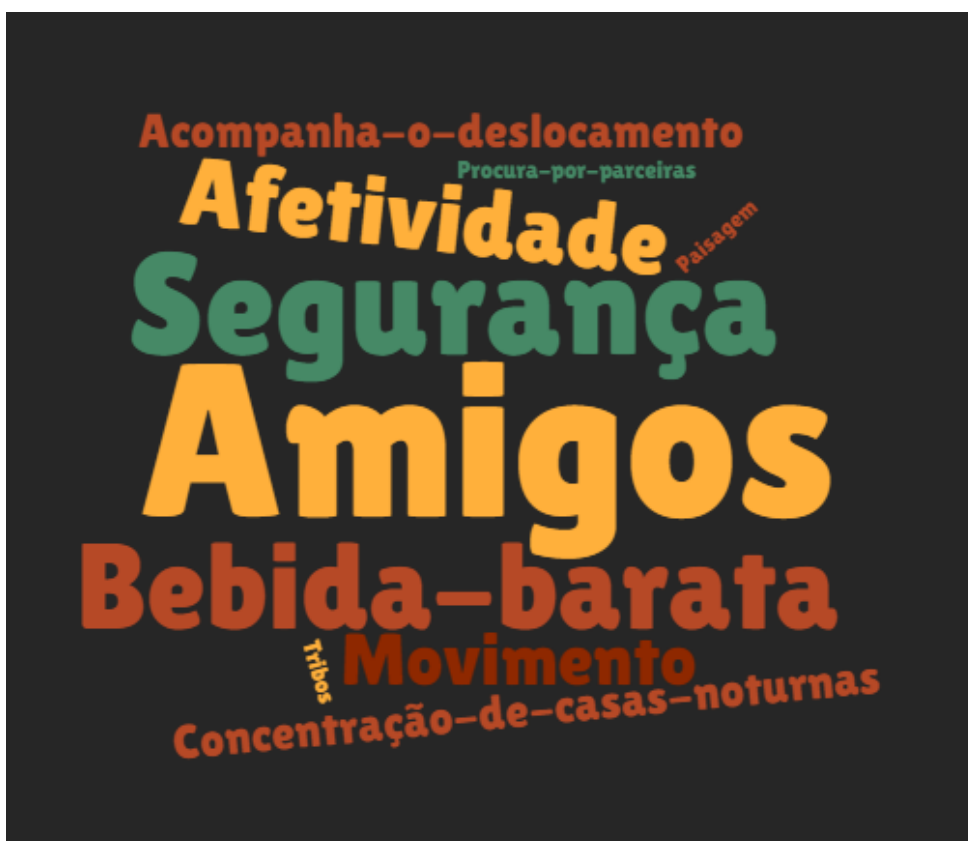


Figura 13. Representação dos principais motivos de se frequentar a Rua João Alfredo.

Partindo do que nomeamos Localização 1 (figura 9), os relatos coletados durante as entrevistas sobre os principais motivos de frequentar a rua em questão tiveram como foco

algumas justificativas. Um dos temas abordados por alguns entrevistados foi a questão da realocização dos estabelecimentos e do encontro da vida boêmia no município, acompanhada pelo fluxo de seus frequentadores (também chamada de “migração” pelos entrevistados). Conforme relatou o entrevistado Antares, esse processo está sempre acontecendo na Cidade Baixa, ou conforme o histórico do município, indo em direção a outros bairros:

“(...) Freqüento a Cidade Baixa há muitos anos, já vi que ela migrou os locais de concentração da galera, já foi no Hélio (Rua José do Patrocínio), veio aqui para a esquina (República com João Alfredo), foi pra lá e depois ele migrou pra cá, onde está todo mundo e onde tem a maior concentração de pessoas que são mais parecidas comigo. Sempre morei muito tempo no centro, sempre freqüentei a Cidade Baixa e vim acompanhando a migração. A galera de um tempo migrou pra cá e se tornou um local de concentração. (...) A Cidade Baixa está sempre mudando o local das pessoas, de concentração das pessoas. (...) Iria para algum bar que provavelmente a grande maioria iria migrar. Uma coisa meio que, como posso dizer, automática, né. Tu não escolhe, na verdade. (...) Tinha uma época que a Padaria (bar entre República e Travessa do Carmo) bombava, ali era cheio de gente, tinha dois bares ali e a SMIC fechou.”

Essa realocização de estabelecimentos ocorre por diferentes motivos, seja por fechamento de estabelecimentos, pressão de moradores devido ao barulho ou por outras razões. Porém o novo ponto a ser escolhido não é aleatório. Diferentes razões levam as pessoas a frequentar um ambiente novo. Nesse caso, elas migram em busca de um estabelecimento que forneça bebidas financeiramente acessíveis, como foi apresentado na figura 10, que tenha certa freqüência de amigos no local, além de um espaço relativamente aberto, onde as pessoas possam confraternizar sem a necessidade de frequentar um único bar, com maior liberdade de deslocamento. Não somente isso, mas como uma opção subjetiva e que dependerá de sua leitura inconsciente do lugar, que será responsável pelo retorno (ou não).

As respostas apresentadas pelos grupos na *Localização 1*, formaram um conjunto de motivos baseados em suas vivências naquele ambiente, alegando que a presença de amigos, movimento na rua e bebida acessível é o atrativo da rua. O relato abaixo foi feito por Arcturus, citando que tem uma relação de afetividade com quem frequenta o espaço:

“Eu freqüento aqui porque acredito que, além da Cidade Baixa ser um bairro boêmio, é onde encontro a cerveja mais barata, onde encontro meus amigos e onde há maior movimento (de pessoas). É onde conheço mais gente, o pessoal que trabalha aqui...”

Não que eu frequente muitas festas aqui, mas é que tem muito mais movimento do que na José do Patrocínio. Por exemplo, tem o bar do Élio ali (atualmente InSônia), mas não tem tanta festa em volta que envolve tanta gente na rua. É uma relação de afetividade, mas mais com as pessoas.”

Sirius relata que sua presença semanal é devido às pessoas que também costumam frequentar, além da presença de amigos e de bebida com preço acessível. A rua atrai pessoas porque suas possibilidades não são únicas, como a da necessidade de pagar para entrar em estabelecimentos e o consumo ficar restrito ao ambiente fechado:

“É mais uma questão de ciclos, porque frequento há bastante tempo a Cidade Baixa e já frequentei muito a Lima e Silva e José do Patrocínio, só que a questão agora de escolher a João Alfredo como ponto de encontro é mais pelas pessoas que agregam o espaço, porque é mais pessoal da minha faixa etária, (...) privilegiar o estabelecimento que é mais acessível do que precisar entrar num bar para consumir, consumir na rua... É um dos pontos fortes que o Meketreff tem, como tem outros bares também na Lima e Silva e José do Patrocínio, que tem as mesmas propostas, só que vem com outro nicho de pessoas, outro viés, outras tribos. (...) Proposta de *ceva* barata, pessoas que convivo, mais universitários e também bastante discussão sobre política, que em outros bares talvez não tenham.. Aqui a proposta é assim, pode trazer sua bebida, mas tem lugares que proporcionarão *ceva* acessível. Poderia ser mais barata, mas dá uma proposta acessível de não ter que ficar preso a entrar, consumir lá dentro, pode levar para a rua.... É aí que acho que ganha bastante referencial.”

Já Vega acredita que, pela quantidade de bares em sequência, há sempre a possibilidade de encontrar alguém conhecido, conforme comentado nesse trecho: “*Frequento a João Alfredo atualmente porque meus amigos vem aqui, mas antigamente eu vinha aqui porque tinha muitos bares em sequência, daí concentrava pessoas e eu poderia encontrar os amigos aqui. (...) Iria migrar para outro ponto se o bar em questão viesse a fechar. Mas se os outros pontos continuassem, continuaria a frequentar a rua.*”

A partir de alguns relatos por parte de quem frequenta o Localização 1 na Rua João Alfredo, conseguimos responder a pergunta principal do questionário: “Qual o motivo principal de frequentar a João Alfredo?” para este ponto. É perceptível que as respostas são compatíveis e tendem a um mesmo motivo, já que as possibilidades da noite são limitadas no município, e quando focamos no lazer e diversão noturna, essa rua oferece oportunidades, como bebida

acessível, grande movimento de pessoas, certa liberdade que a rua proporciona (desde casas noturnas a estabelecimentos abertos), além da proximidade entre as pessoas.

Reiterando Bonnemaïson (1997), são essas relações entre grupos sociais existentes numa parcela de espaço que dão origem a territorialidades, onde grupos se identificam a partir de um sentimento ou percepção de mundo. Com isso, assumimos que as pessoas que ali frequentam consideram aquele ponto de encontro um “lugar”, já que criaram laços afetivos com o ambiente e com as pessoas, independente da forma do espaço, já que a distância entre os pontos (Localização 1 e Localização 2) é pequena, mas a percepção dos indivíduos em relação aos dois pontos varia conforme a identificação com o território.

Muitas desses grupos que frequentam a João Alfredo não coexistem no mesmo microterritório, pois existe distinção de público, ou seja, pelo mesmo compartilhamento de hábitos, costumes, ideologias e principalmente vestimenta é possível diferenciar frequentadores e tribos: rapazes usando chapéus, como bonés, correntes no pescoço, formas de fazer a barba, roupas largas ou mais justas; garotas com vestimentas para festas, mais refinadas ou mais casuais. Com isso, foi plausível destacar algumas tribos (MAFFESOLI, 1998) que compartilham a rua. Por tribo podemos entender que o conceito está relacionado a grupos sociais, em sua maioria jovens. Essas tribos são diversas redes criadas a partir de afinidades, interesses e laços de vizinhança:

“Estas tribos, muitas vezes, além de criarem laços entre si, criam uma relação de identidade por um determinado lugar, onde ocorrem encontros para o convívio entre eles e diversas atividades, criando assim um sentimento de adoração por este lugar. Desta maneira, é possível perceber a ligação existente entre o conceito de tribo, identidade e lugar. Assim, entendemos que a existência de identidade de um grupo de pessoas por um determinado lugar pode dar origem a uma tribo.”

O público da Localização 2 é mais denso, mais jovem e mais animado. As respostas obtidas durante as entrevistas se assemelham às da Localização 1 quanto aos motivos principais. A observação participante despertou curiosidade entre frequentadores, onde carregar bloco para anotações e câmera fotográfica gerou questionamentos, já outros solicitavam para serem fotografados. Há quem se esquivava do ângulo da câmera, sendo respeitado(a) se demonstrava algum tipo de aversão.

Quanto às entrevistas com os dois grupos, houve receio com a finalidade da pesquisa, sendo tranquilizados quanto ao objetivo acadêmico e que seus dados pessoais não seriam divulgados. Assim, os nomes dos integrantes não foram questionados e também não houve

entrevistas gravadas por áudio, já que isso poderia causar estranhamento e desconfiança. É importante expor que ambos os grupos responderam em grupos de várias pessoas, diferentemente daquelas entrevistadas na Localização 1, que a tendência foi relatar individualmente.

É de importância expor que, enquanto mulher e assumindo o papel de etnogeógrafa durante os trabalhos de campo, as pessoas que estavam mais acessíveis ao diálogo nessa localização eram aquelas que estavam em busca de companhias com viés sexual. O entrevistado Rígel, frequentador há mais de 10 anos da rua, relatou que um dos motivos de frequentar a Rua João Alfredo é o grande movimento durante a noite, facilitando na busca de uma parceira, além da bebida acessível, seja vendida por ambulantes ou por estabelecimentos, e é onde encontra pessoas mais velhas, diferentemente de outros ambientes.

De certa forma, há muitas pessoas que frequentam essa parte da rua que são de classe social mais popular, já que é perceptível a presença de bebidas trazidas de outros lugares ou vendedores ambulantes - até mesmo por parte de frequentadores da “noite” - fornecendo com maior acessibilidade financeira. Atria, outro entrevistado, relatou que frequenta a rua há mais de 5 anos e que sempre traz sua bebida juntamente com seus amigos, pois mesmo que os estabelecimentos forneçam, o preço é muito elevado para sua condição financeira, preferindo comprar em outro lugar e levar para a rua em caixas térmicas.

É necessário frisar a necessidade de locais públicos serem planejados para acolher toda população que frequenta ambientes noturnos para confraternização, já que é somente ali que muitas pessoas conseguem ter seu momento de lazer: na rua, por ser gratuita.

Atria também comentou que a Rua João Alfredo é onde tem “festa de pobre”, incorporando todas as classes sociais no mesmo ambiente, do mais rico ao menos favorecido economicamente. É onde pode encontrar seus amigos durante a noite sem maiores gastos financeiros, é o “lazer de pobre”, “encontro de quebradas”, como afirmou.

A partir de Góis (2015), podemos entender que, apesar das diferentes classes sociais estarem presentes no mesmo ambiente, a interação entre elas só ocorrerá se houver abertura para diálogo entre os indivíduos, já que a tendência, segundo Bourdieu (1995) apud Góis (2015), é que os semelhantes se relacionem somente entre si.

“Em resumo, não há forma de sociabilidade noturna sem a influência dos conteúdos sociais inerentes aos sujeitos. A posição social, dentro de um contexto de práticas e formas de consumo cultural que incluem outros fatores que não só a renda, desempenha um papel importante na configuração espacial dos encontros. Como diria

Bourdieu (1995), é mais fácil que pessoas de semelhante posição social se encontrem e se relacionem do que pessoas que se encontram em posições sociais distintas. Isto porque há formas de organizar a interação - e o espaço para essa interação - que se constituem enquanto regras informais para os usuários, como sinais daquilo que será tolerado e daquilo que poderá ser reprimido. Decifrar estes indicadores pode ser crucial para a compreensão do que se pode ou não fazer e das formas em que estas regras podem ser negociadas e a entrada no jogo social pode ocorrer.

Mesmo nos espaços públicos há códigos informados pelos grupos que ocupam o espaço e o diálogo se estabelecerá segundo a negociação entre os indivíduos, em um jogo de reflexividade, no qual as posições sociais se estabelecem a partir do que poderia ser chamado de estatuto principal (BECKER, 2008), ou melhor, das concepções extraídas em relação ao aspecto físico do outro, uma forma de estereótipo, vital para a comunicabilidade entre as partes. Este estatuto não é, no entanto, permanente, mas situacional e pode ser rediscutido a partir do momento em que há interação entre os indivíduos.

Podemos destacar algumas especificidades da Localização 2 a partir das diferenças de classe social. Como será tratado nos próximos tópicos, um assunto que é muito recorrente nas mídias é a questão do som alto na rua. Durante as saídas e vivências na rua, é possível notar a presença de carros a partir das 2 horas da madrugada em certas noites. O gênero musical que costuma tocar é o *funk* brasileiro. Próxima a esses automóveis se encontram pessoas jovens, próximas dos 20 anos. Rapazes geralmente usando bonés, bermudas e camisetas (ou jaquetas). Moças usando um vestuário mais formal, seja saia, *short* ou sandália. De uma forma geral, mostram animação com o som: dançam, cantam, compartilham suas bebidas, além do olhar atento para o resto da rua e pessoas que estão circulando. Disso podemos entender que essa juventude está, talvez, começando suas vidas noturnas reproduzindo o meio em que estão inseridas. Na rua noturna encontram certa liberdade em manifestá-la, já que outras pessoas tem o mesmo tipo de comportamento. É ali onde podem ser jovens sem o peso das atividades cotidianas.

A permanência desses grupos em certa parte da João Alfredo gera uma grande densidade de pessoas, influenciando na passagem dos carros na rua em momentos de pico devido às suas duas vias, gerando certa competição entre veículos. Devemos salientar que muitos desses estão na via estão em função do movimento, sendo prestadores de serviços na área de transporte privado urbano acionados através de aplicativos de celulares.

Esse ambiente heterogêneo em que a rua se transforma após a 1 hora da manhã é o que caracteriza a João Alfredo: grupos confraternizando em seus momentos de lazer,

estabelecimentos abertos e repletos de jovens que saem de suas casas em busca de diversão com amigos, vendedores ambulantes trabalhando durante a madrugada na tentativa de obter algum lucro, música alta vinda de carros estacionados, outros em movimento, polícia militar atenta aos movimentos, fiscais da SMIC (Secretaria Municipal da Indústria e Comércio) e da *Blitz* (fiscais de trânsito) trabalhando na tentativa de controle da rua, entre muitas outras curiosidades que podem ser observadas.

Para finalizar o tópico sobre os principais motivos de se frequentar a João Alfredo, foi gerado um mapa de localização dos bairros onde residem os entrevistados (figura 14).

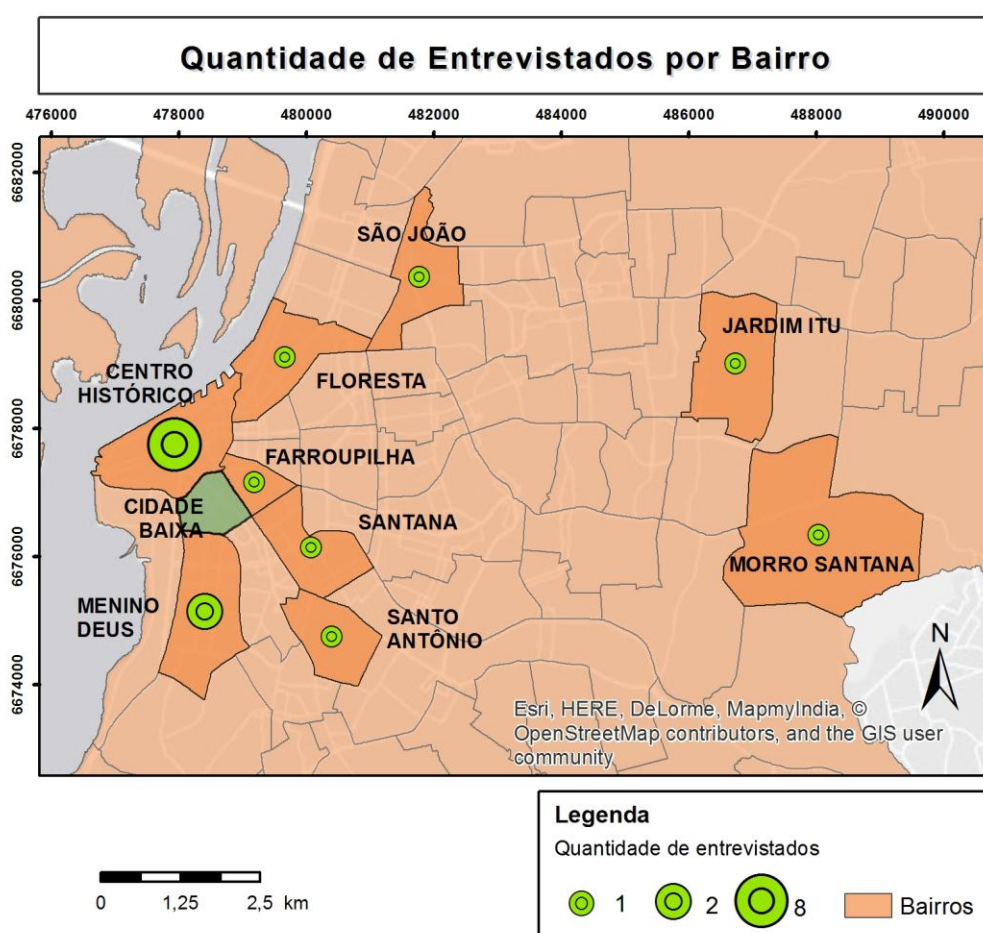


Figura 14. Mapa da quantidade de entrevistados por bairro. Mapa do acervo pessoal. Dezembro de 2017.

É possível perceber maior ocorrência de pessoas vindas do bairro Centro Histórico e Menino Deus, mas residentes de outros bairros também se fazem presentes, como Farroupilha, Floresta, Jardim Itu, Morro Santana, Santana, Santo Antônio e São João. Devo enfatizar certa dificuldade em conseguir informações referentes aos bairros onde moram os frequentadores da Localização 2, pois houve desvio do foco da conversa por parte dos entrevistados de um grupo.

6 PAISAGEM EFÊMERA

No caso da Rua João Alfredo, a mudança da paisagem ocorre pelas diferentes atividades desempenhadas no local, tanto diurnas quanto noturnas. Dessa forma, Góis (2015) relaciona a morfologia da paisagem com as práticas sociais, pois é um indicador fundamental da coexistência de lugares, atividades e públicos através do diálogo entre elas. Para isso, a análise da morfologia da paisagem pode ser realizada em primeiro lugar, seguido das práticas ligadas ao noturno, absorvendo um conjunto de variáveis, fontes, técnicas de análise e instrumentos, para que possam ser relacionadas a partir de uma perspectiva geográfica.

Os prédios, que são carregados de história (figura 15), dividem o espaço com aqueles de arquitetura mais recente, agrupados, disputando visibilidade a partir de suas cores vibrantes, transitando entre suas diferentes funções. Não somente as cores chamam a atenção de quem passa por ali: as formas dos prédios pequenos e revitalizados, alguns com pichações e carregados de beleza, revelam a tentativa de manter viva na paisagem a trajetória da rua em seus diferentes contextos.



Figura 15. Vista das fachadas das edificações da Rua João Alfredo. (Fonte: Portugueses em Porto Alegre)

Há quem se engane quando resolve atravessar a João Alfredo no período do dia: uma rua larga e de certa forma calma. O fluxo de carro é devido à ligação que esta faz da Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto com a Avenida Loureiro da Silva (Perimetral), ambas se posicionando nos extremos da rua (figura 3). O trânsito é leve e fluido, contando com a

presença de duas vias com limite de velocidade entre 30 km/h e 40 km/h, passando apenas uma linha de ônibus e uma de lotação, sendo esta um transporte coletivo por micro-ônibus (Fonte: WRI Brasil - Cidades Sustentáveis, 2017).

Os pedestres caminham em direção ao seu destino, tornando a rua um ambiente de passagem. Além do ambiente diurno poder ser designado como sendo de percursos, seja pela via dos veículos ou calçada, há o comércio local formado por minimercados, cabeleireiras, lancherias, restaurantes, escola, ferragens, entre outros. Estas formas de atividades comerciais, por serem caracterizadas em sua grande maioria como pequenos comércios, cultivam relações bastante próximas, onde amigos e até mesmo clientes frequentam os ambientes, além de ser comum encontrar os proprietários mantendo sociabilidades próximas aos seus estabelecimentos. Estas formas de laços afetivos também são observadas entre alguns moradores, que procuram a rua para observar e desfrutar do movimento, conversar entre amigos, caminhar, etc (figura 16).



Figura 16. Rua João Alfredo no período do dia em dias de semana.

Relacionando a estas formas de vivências na rua João Alfredo, Ana Carlos (2007) menciona que é através do uso do espaço em suas mais diversas formas através do corpo que os habitantes exprimem sua relação com os lugares da vida:

“É através de seu corpo, de seus sentidos que o homem constrói e usa os lugares – um espaço usado em um tempo definido pela ação cotidiana. Isto é, o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida - daí a importância do corpo e dos sentidos que comandam as ações, que envolvem e definem o ato de morar que tem a casa como centro, mas que a partir dela vai ganhando os significados dados pela articulação desta com o bairro, com a praça, com a rua através do movimento da vida. Nesse processo

vão se identificando os lugares da vida, marcando/apoiando a relação com o outro. Assim se constrói a tríade cidadão/identidade/lugar, que aponta a necessidade de considerar o corpo, pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço (através dos modos de uso) e significa que nossa existência espaço-temporal, tem uma corporeidade, pois agimos através do corpo; é ele que nos dá acesso ao mundo.”

Na rua, a vida durante a semana é tranquila, mas quando o relógio aponta 23 horas numa sexta-feira qualquer e muitas pessoas já se recolheram para dentro dos seus lares, não é preciso uma vivência de longa data para notar as transformações na paisagem: o silêncio para além dos sons dos carros é quebrado pela crescente presença de grupos que passam a frequentar os bares, restaurantes, casas noturnas e a própria rua em busca de diversão e de contato com outras pessoas.

A ambiência da rua, isto é, a valorização da perspectiva dos grupos relacionando ao que está em volta, contextualizando e condicionando suas existências (REGO, 2010), adquire outros traços nos fins de semana. A partir da análise de algumas fotografias na vida noturna, as práticas adquiridas pelas sociabilidades poderão ser visualizadas e melhor compreendidas dentro do espaço geográfico da rua João Alfredo. Segundo WRI Brasil - Cidades Sustentáveis (2017), a quantidade de pedestres concentrados em calçadas estreitas acarreta, em algumas ocasiões, carros que mal conseguem circular, pois as pessoas passam a ocupar o espaço viário na tentativa de se juntar a outras.

A comparação entre as fotografias das figuras 18 e 19 reflete dois horários distintos da rua. Na figura é possível observar que na primeira fotografia a rua possui pouco movimento de pessoas, sendo fotografada no horário próximo das 23 horas. Já a segunda fotografia mostra um número maior de frequentadores próximo das 3 horas. Nesse horário, os estabelecimentos que têm o Alvará liberado até o início da madrugada, 2 horas, já encerraram seu expediente, notando-se apenas a presença de poucos bares abertos e de movimento de deslocamento para outro ambiente. As imagens foram fotografadas próximas à Localização 1.

Com essa trajetória ocorrendo para fora da Rua João Alfredo, ela dissipa-se pelo bairro, seja em forma de veículos de locomoção ou acúmulo de pessoas em outros estabelecimentos, como os de alimentação. Nesse caso, também como foi possível analisar no croqui, o movimento de pessoas tende a ser maior após a 1 hora, na esquina da Rua da República com a Rua João Alfredo no lado esquerdo, sentido bairro-centro, concentrando-se, ainda que em pequena quantidade, em frente ao estabelecimento “Papa-lanches” (figura 17).



Figura 17. Concentração de frequentadores na esquina da Rua da República e João Alfredo. Fotografia do acervo pessoal. Dezembro de 2017.

Para Góis (2015), é necessário relacionar as formas de interação social ao problema do espaço físico através da observação dos seus usos. Para o autor, é através dessas trajetórias, migrações, que a possibilidade de encontro com outros usuários é maior, assim também como a presença de estabelecimentos que são favorecidos nesses percursos, porém com tempo de concentração menor.



Figura 18. Comparação entre horários na João Alfredo na Localização 1 Fotografia do acervo pessoal. Dezembro de 2017.

“Notamos que as trajetórias e as concentrações podem ser agrupadas em uma estratégia crucial para a vida noturna, pois mobilizam diferentes escalas de atuação dos indivíduos durante a noite. Mesmo quando em um lugar de concentração, as trajetórias possibilitam o encontro e o desempenho de práticas de reconhecimento dos lugares e dos seus usuários. Há lugares que tendem a valorizar o percurso, apresentando dispositivos que compõem o seu cenário como, por exemplo, a regular

distribuição de serviços em uma área extensa, a presença de uma vista panorâmica ou uma área com dois polos atrativos, mas com diferentes serviços. Outros lugares tendem a oferecer serviços em espaços mais ou menos reduzidos ou ofertas exclusivas de oportunidades, o que neste caso favorece a concentrações mais demoradas e práticas recorrentes (GÓIS, 2015).”



Figura 19. Comparação entre horários na João Alfredo na Localização 1. Fotografia do acervo pessoal. Outubro de 2017.

Na figura 19 também é possível observar o baixo movimento de frequentadores próximo das 23 horas. A segunda fotografia reflete um horário mais tarde, próximo da 1 hora, onde geralmente tem maior movimento de pessoas nesse lugar. É possível notar a partir das fotografias o motivo das pessoas passarem a ocupar a passagem destinada aos carros, pois o tamanho da estreita calçada não dá suporte à quantidade de pessoas que frequentam o ambiente.

As figuras 20 e 21 fazem parte da análise da Localização 2, onde a quantidade de pessoas que se apropriam da rua a partir da 1 da manhã é superior a outras partes da rua. A primeira remete a uma noite de temperatura mais amena, nos horários próximos das 23 e 01 horas, respectivamente. Esse ambiente é caracterizado por ganhar certa quantidade de pessoas após esse horário, se concentrando em frente a estabelecimentos, casas noturnas (essas limitam o espaço na rua, seja com seguranças ou grades, onde clientes tem prioridade para ocupar) ou próximos a carros. Os grupos crescem com o passar do tempo, muitas vezes mesclando-se quando há pouco espaço para todos.



Figura 20. Comparação entre horários na João Alfredo na Localização 2. Fotografia do acervo pessoal. Dezembro de 2017.

É a partir dessas interações, muitas vezes não intencionais, que indivíduos vivenciam novas amizades, gerando novos significados em seu inconsciente em relação ao lugar que já faz parte do seu cotidiano. Como sustenta Ana Carlos (2007), “o plano do lugar pode ser entendido como a base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido”.



Figura 21. Comparação entre horários na João Alfredo na Localização 2.
Fotografia do acervo pessoal. Dezembro de 2017.

As figuras 22, 23 e 24 refletem questões pontuais referentes ao cotidiano das noites dos fins de semana na rua. A presença de ciclistas é bastante comum, já que muitos frequentadores moram no próprio ou em bairros próximos. Além de facilitar a locomoção, possibilita maior segurança a quem conduz. É possível notar o acúmulo de bicicletas em alguns pontos, como grades, postes, portões ou placas, devido à falta de bicicletários na rua e também por questões relacionadas a furtos, pois se deixá-las isoladas, há maior probabilidade de roubo. A figura 22 mostra um ciclista na João Alfredo em horário de “pico”, após as 2 horas, aguardando a movimentação dos carros.

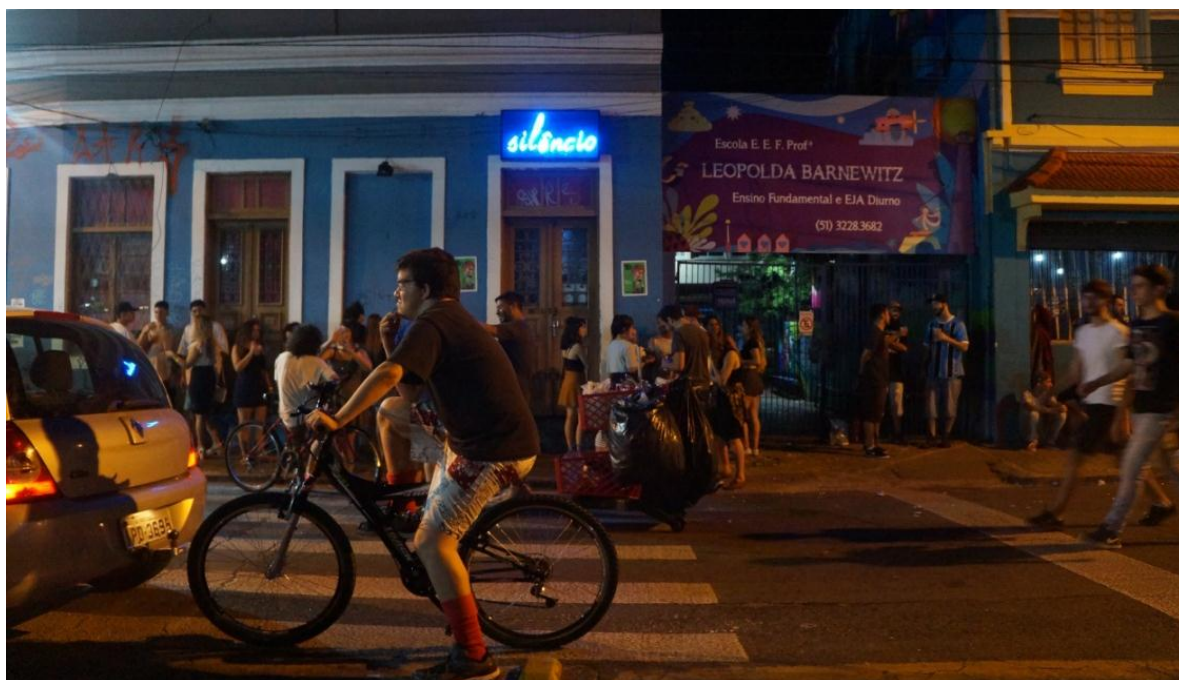


Figura 22. Ciclista no trânsito na João Alfredo. Fotografia do acervo pessoal. Dezembro de 2017.

É possível perceber através das fotografias 22 e 23 a presença, também comum, de vendedores ambulantes, neste caso de lanches, de pessoas que recolhem materiais recicláveis como uma forma de sustento, além de pessoas em situação de rua, onde o movimento traz benefícios para as mesmas, pois é uma forma de conseguir moedas ou bebida com quem gosta de compartilhar.



Figura 23. Paisagem comum na João Alfredo após as 2 horas. Fotografia do acervo pessoal. Dezembro de 2017.

Além disso, a presença da SMIC e da polícia militar como forma de controle de quem frequenta é recorrente na rua, posicionando-se sempre próximos da Localização 2, onde há maiores casos de confronto.



Figura 24. Trabalho desempenhado pela SMIC e Polícia Militar durante os fins de semana. Fotografia do acervo pessoal. Dezembro de 2017.

Como é possível observar, é uma rua com morfologia bastante horizontal, quase sem variação de declive, já que os poucos prédios localizados nessa área são baixos, criando um ambiente aberto, de fácil acesso e agradável a quem olha, já que suas edificações conservam muito da história do lugar. A boa iluminação e a largura acabam atraindo mais grupos, tanto

para estacionar seus carros, quanto para apreciar a rua em si, gerando uma sensação de segurança a quem frequenta, como foi colocado por alguns entrevistados.

Pode-se observar uma paisagem sossegada durante o dia e movimentada durante as noites dos finais de semana. Com isso, também a partir de apontamentos feitos por frequentadores, a rua e o bairro carregam forte capacidade em fornecer uma alternativa ao turismo noturno no município, pois é um modo de estar em contato com pessoas e conhecer um pouco da cultura local. Observou-se em outros trabalhos, como de Góis (2015), que a proteção patrimonial e o incentivo ao turismo podem se tornar elementos aptos de serem relacionados à vida noturna.

O incentivo ao turismo noturno pode ser relacionado à questão econômica do município, onde o uso de novos espaços e maior visibilidade pode redobrar lucros e empregos de outros setores, como o de lazer, dando outros significados ao uso dos espaços públicos em diferentes horários (GÓIS, 2015). Para alguns entrevistados a João Alfredo é referência noturna para o turismo, mas é necessário considerar que a renegociação e revitalização do espaço devem ser pensadas a partir da realidade local, ou seja, para quem os efeitos desses processos e modificações beneficiarão, se ao público que já frequenta o espaço, sem que haja uma nova gentrificação no local (já sofrida, então, nos anos 1970), para melhor usufruí-lo, ou a empreendimentos imobiliários, empresários, políticos, etc.

“Esta noite animada como esfera de vida pública, a partir de uma oferta ligada a diversão, tem sua espacialização na cidade condicionada pelas lógicas hegemônicas de produção do espaço urbano (TURRA NETO, 2014, 2015), de modo que não se distribui aleatoriamente, mas com tendência a concentrar-se em espaços mais luminosos. São espaços de espetáculo urbano e da cultura de massa (DIÓGENES, 1998), nos quais os jovens são socializados em dinâmicas globalizantes e em novos padrões de consumo cultural (CASTRO, 2004). Nelas, está a maior movimentação da cidade, nos finais de semana à noite e, para elas, afluem consumidores de diferentes filiações sociais, culturais e territoriais.” (TURRA NETO, 2017)

Na cultura de vida noturna existe uma articulação com oferta de mercado para consumo de jovens, significando certa adesão aos padrões de comportamento e aos modelos preexistentes e difundidos por esta mesma oferta (TURRA NETO, 2017). Relacionando a isso, esta atividade é o que podemos nomear de “*Alcoolnomia*” (palavra emergida durante um diálogo em saída de campo), união entre a atividade de consumir álcool e sua influência financeira que beneficia a economia local, seja gerando lucro aos estabelecimentos, como empregos.

Essa rotina dinâmica caracteriza a João Alfredo, pois quem conhece a rotina da rua sabe que nos finais de semana os frequentadores já fazem parte da paisagem, ou seja, as relações sociais que se reproduzem no espaço, as apropriações, são capazes de modificar os aspectos de um lugar, gerando significações importantes no inconsciente, através da subjetividade e percepção individual, de quem frequenta o espaço.

As fotografias são ferramentas que podem auxiliar na análise da paisagem para entender os processos e morfologias que nelas estão contidas. Por meio dessa metodologia comprovamos a efemeridade da paisagem na Rua João Alfredo, seja comparando o dia à noite ou as diferentes apropriações durante o turno da noite. É possível visualizar a localização dos registros fotográficos baseado em sua espacialização (figura 25) a partir da numeração das figuras no decorrer do trabalho.

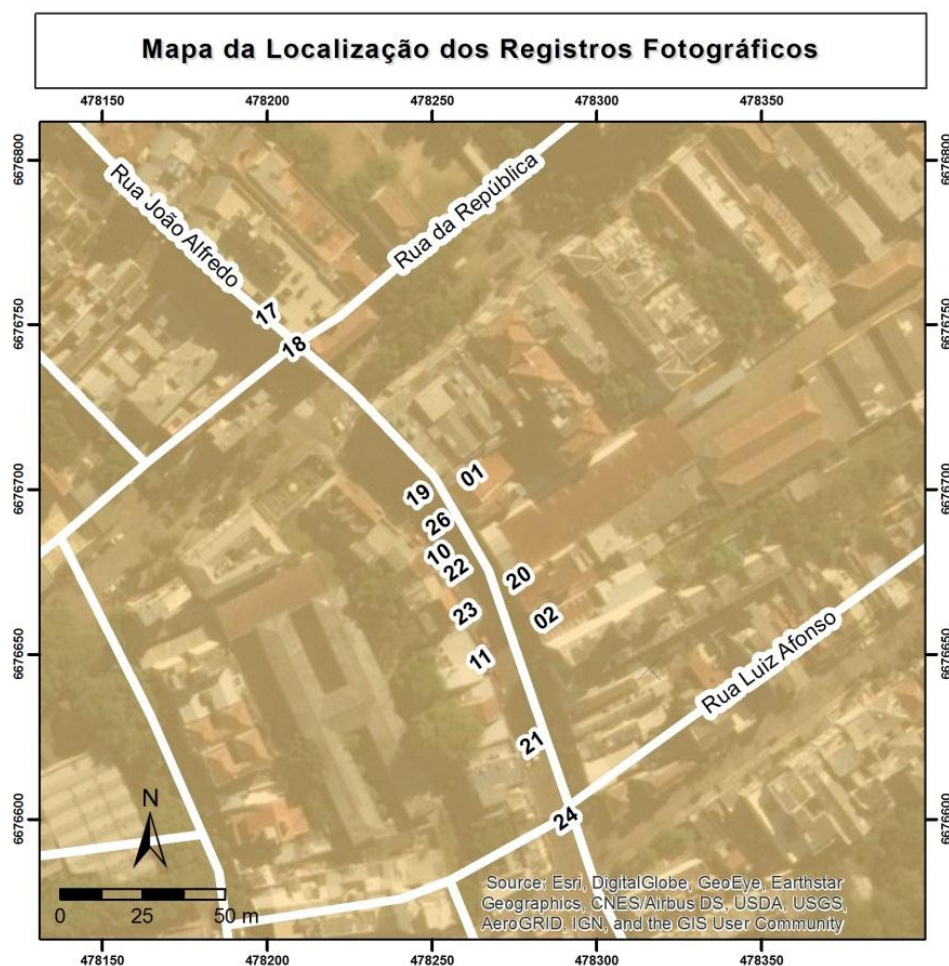


Figura 25. Mapa de localização dos registros fotográficos.

7 ESPAÇOS PÚBLICOS: CONFLITOS NA RUA JOÃO ALFREDO

“A reprodução da vida entra em conflito com as necessidades de reprodução de sociedade como um todo (CARLOS, 2007).”

O posicionamento por parte de alguns moradores do bairro em relação ao movimento noturno na Rua João Alfredo tem gerado discussões e conflitos recorrentes entre quem frequenta e quem reside na região. Entendemos que, como citado acima, a reprodução da vida, as questões sociais referentes às convivências e apropriação do espaço público para lazer, conflita diretamente com questões envolvendo padrões da sociedade, onde ações e atividades noturnas causam certa rejeição pela população, até por questões como falta de planejamento para as mesmas.

Da apropriação do espaço por alguns grupos no cotidiano e a reprodução dessas ações acaba atraindo mais frequentadores para a rua. Conforme comentou o entrevistado Sirius:

“A João Alfredo é uma rua muito boêmia, mas não é planejada para isso, é uma rua como outra qualquer, a calçada é minúscula, não tem como colocar todo mundo, fisicamente impossível. E isso traz prejuízo para os moradores, porque tem também o pessoal que grita em lugares que não deve, tem a questão do barulho alto do som dos carros e aí gera muito confronto entre moradores e o pessoal que frequenta para consumir.”

É perceptível que a opinião sobre a falta de planejamento para uma vida noturna nessa rua é de certa forma generalizada. Mas também podemos entender que, mesmo não recebendo a devida atenção pelas autoridades para questões relacionadas ao planejamento urbano, a quantidade de frequentadores não diminui com o passar dos dias. Podemos imaginar que a falta de opções noturnas no município influencie isso. Há outra questão que está relacionada à segurança, onde a maioria dos entrevistados admitiu ser um dos motivos para frequentar a rua, pois quanto mais pessoas, mais seguros se sentem.

Isso acaba gerando maior ruído na rua, perturbando alguns moradores na região, conforme foi possível notar através dos grandes veículos de comunicação de massa locais. É a partir desses meios de comunicação que discussões são lançadas, com muito destaque em relação às questões referentes ao transtorno causado pelo som alto na rua no período da noite, violência entre a polícia e frequentadores, assim como reflexões acerca dos aspectos positivos

do movimento noturno.

Quando Marcos Góis (2015), através de outros autores, aborda que há um julgamento moral por parte de quem não frequenta as ruas noturnas, que o escuro está muito ligado a uma ideia de atitudes transgressoras:

“Quando se diz que a noite é um momento que habilita a manifestação de um comportamento transgressor é porque se torna evidente o seu pareamento com o comportamento diurno. Toda ansiedade e desconforto que surge durante a noite estaria associada ao comportamento transgressor daqueles que habitam o noturno (WILLIAMS, 2008). O modelo binário de compreensão da noite tendeu a reforçar os mitos, associando durante muito tempo a vida noturna à malandragem, à perversão e à boemia. Os cidadãos de bem deveriam permanecer em casa durante a noite (BALDWIN, 2012), assim como as mulheres respeitáveis não poderiam ter negócios importantes neste período (PEISS, 1986).”

Em uma reportagem de maio de 2017, o Jornal Já publicou o trecho abaixo. Com isso entendemos que alguns moradores se incomodam com a presença dos frequentadores na rua não somente pelo barulho causado, mas também por seus modos de vida, vestimentas e comportamentos que refletem uma concepção de mundo, normas e regras diferentes, ou seja, existe preconceito cultural:

“Os moradores mais conservadores, consideram que a Cidade Baixa é um bairro residencial e não querem nem saber de bares, casas noturnas, gente bebendo e falando pelas calçadas. Outro grupo compreende que o bairro é misto, residencial e comercial, diurno e noturno, e preferem o diálogo com os donos de bar para buscar um convívio harmonioso. Mas os dois grupos e os donos de bar têm um consenso: o maior transtorno é causado pela muvuca de rua. Pelo pessoal que compra cerveja barata em pequenos estabelecimentos, ou trazem seu próprio trago e bebem pelas calçadas. Em um debate recente, um comerciante descreveu o comportamento dos boêmios de calçada da CB: “parecem uns selvagens”. A descrição do elemento: jovens, um kit de vodka com energético, saquinho de gelo derretendo na calçada, baseadinho na roda e, quando possível, um carro de porta-malas aberto tocando funk.”

Relacionando a isso, devemos refletir sobre as consequências positivas para o espaço em que está situada a João Alfredo, onde há apropriação por parte de grupos, mesmo que em horários específicos. Uma delas, como mencionado acima, está relacionada à segurança que a rua pode passar a seus habituais frequentadores.

Para entendermos mais sobre a problemática da violência nos espaços, David Morais (2009) compreende que requer tratar a cidade como um local privilegiado para observar comportamentos padronizados dos cidadãos e seu relacionamento com o espaço público, onde convivem os mais diversos grupos sociais em movimentos conflituosos e harmônicos, organizados sob os mais variados contornos, podendo ser simultaneamente. É a partir dessa sucessão rápida e cambiante de circulação de pessoas que indivíduos criam, desenvolvem e praticam suas ações políticas, sociais, econômicas e culturais.

Em uma matéria publicada pelo *site* “TheCityFix Brasil” (maio de 2016), é relatada a importância de manter as ruas e calçadas vivas, já que as pessoas se afastam intuitivamente de lugares vazios e sem interações, procurando por conexões. Isso é o que traz segurança aos locais públicos e afasta :

"Hoje, muitos espaços públicos são vistos como locais não tão seguros em milhares de cidades ao redor do mundo. A noção de segurança é perdida no momento em que uma localidade se torna vazia, não recebe iluminação, uso ou até mesmo a atenção adequada. Conectar os espaços entre o que é público e o que é privado pode ser um trunfo para evitar isso. (...) Com os modelos de desenvolvimento modernos, perdemos a habilidade de criar espaços ou nós de atividades ao longo da rua. Temos que ter um engajamento maior em compreender melhor a vida na rua e a vida nas calçadas”

Morais (2009) aponta que o ato de sair de casa hoje se metamorfoseia em um constante temor, moldando a forma como pessoas percebem a rua e os espaços:

“A vida se transforma: o medo de andar sozinho pelas ruas, a atenção redobrada para o que ocorre no seu entorno, a restrição de horários e locais e, em situação extrema, seja qual for o motivo ou horário, a própria negativa em sair de casa. (...) As implicações dessas atitudes e comportamentos não podem ser negligenciadas. Com o crescimento da sensação de insegurança, as atitudes preventivas dão lugar a comportamentos mais ostensivos de caráter repressivo e/ou reativo, que só fazem agravar o quadro já complexo da segurança pública. Exemplos disso são: tanto o acelerado crescimento dos serviços de segurança privada, o porte (legal ou ilegal) de armas, a reação violenta a simples situações adversas do cotidiano, como a progressiva desvalorização e privatização do espaço público, consequência de se perceber a cidade como violenta e algumas das suas regiões como ‘vetadas’ à circulação dos cidadãos.”

Portanto, entendemos que a localização central da rua João Alfredo, sua boa iluminação, o acesso fácil e, principalmente, a referência por ser uma rua boêmia, atrai pessoas que querem se manter seguras em uma cidade onde casos de violência em esquinas quaisquer são frequentes. O sentimento de bem-estar criado a partir da percepção subjetiva/coletiva reflete na quantidade de pessoas que buscam o lugar para buscar por diversão, amigos, amores, parceiros ou parceiras.

Em contrapartida ao bem-estar social, existem confrontos recorrentes entre frequentadores e a polícia, conforme relatado por meios de comunicação. Abaixo, alguns relatos por parte de alguns entrevistados acerca do posicionamento e ação da polícia e SMIC na rua:

"A segurança na rua está complicada, os bares fecham cedo, então é um fator que complica, mas eu ainda prefiro a rua. E os bares abertos acabam ajudando na segurança por trazerem pessoas para a rua..."

"Teve uma ou duas vezes que a gente estava aqui na frente e rolou uma repressão policial... Eles vinham e jogavam o cavalo pra cima da gente, pedindo para o pessoal sair do meio da rua e quando íamos para a calçada, pediam para sair que tinha muita gente."

"Se a SMIC fechar os bares, o pessoal tem que ir para a rua... Aí não tem hora para acabar a noite, ficar lá e ocupar a calçada enquanto ainda tem calçada, quando não tem vão, para a rua, isso causa algum transtorno porque há falta de planejamento!"

"Sobre a repressão policial, eu acho até legal eles estarem aqui, porque é uma forma de segurança, para mim, para motoristas... A repressão se dá a algumas pessoas ruins que frequentam aqui, poucas pessoas, aí acho que acaba generalizando que todos são ruins."

Percebemos que, ao mesmo tempo em que a polícia deveria estar cumprindo o papel de quem assegura proteção às pessoas, a inexperiência da mesma para com multidões e seus métodos de abordagens - transbordando agressividade - contribuem para que tenha mais conflitos na rua, seja por provocação por parte de alguns indivíduos ou por desencadeamento de confronto como forma de contestamento. Além disso, das entrevistas feitas, todas as pessoas que abordaram o tema são favoráveis à permanência dessa instituição na rua para manter a segurança e conter eventuais desordens de uma forma não truculenta; sua presença evita que indivíduos se excedam e cometam infrações que possam prejudicar outras pessoas.

Morais (2009) alega que, em seu estudo de caso nos municípios do Rio de Janeiro e Niterói sobre a violência na cidade, grande parte dos entrevistados considerou que as ações da polícia contribuem para o aumento da violência, demonstrando com isso que a população não

confia nessa instituição, passando a ser uma fonte de insegurança. Com isso, entendemos que os excessos cometidos pela Polícia Militar não trazem benefícios à rua João Alfredo, causando posicionamentos por parte dos frequentadores mais intensos e enérgicos. Assim como os próprios moradores, que já foram perturbados por intervenções abusivas da polícia, onde estes se utilizaram de gás de efeito moral para dissipar grupos de pessoas da rua.

Os diferentes usos do espaço público gera conflitos relacionados a questões de valores, ou seja, de um lado temos alguns residentes da rua que são contra o movimento, fortalecendo posicionamentos mais conservadores juntamente com a Associação Comunitaria dos Moradores da Cidade Baixa, congregando interesses imparciais dos moradores associados do bairro. De outro temos o movimento da rua, as pessoas que querem garantir sua diversão nas noites dos finais de semana, contando com o apoio do Movimento Viva Cidade Baixa!, que tem como finalidade defender a vida noturna e a boemia no bairro. É a partir dessas diferentes apropriações que a Rua João Alfredo pode ser rotulada como um espaço de conflitos, chamando a atenção de autoridades locais e constantes questionamentos sobre a estrutura da rua, sendo visada por interesses econômicos, sociais ou políticos.

Por fim, acreditamos que a presença da SMIC e da Polícia Militar podem contribuir para a melhoria das noites na rua João Alfredo, principalmente se seus métodos de abordagem forem repensados e mais específicos com aquelas pessoas que agem com intenções desarmoniosas.

8 REPENSANDO UMA NOVA JOÃO ALFREDO

Na matéria lançada pelo *site* “Arquitetura da Convivência” (abril de 2014), foi exposto a necessidade e importância do ócio na vida humana, já que este permite se distanciar da rotina repetitiva e maçante. Se as cidades foram criadas para a troca, é nos espaços públicos que elas ocorrerão, já que é ali onde se pode trocar e unir o que em outros momentos e lugares da cidade podem não acontecer.

“A mescla de idades, crenças, raças e diversos níveis socioeconômicos acontece nas nossas ruas, mercados, praças e eventos públicos. Sem isso, nossa sociedade estagna no impasse da intolerância e do medo. É no espaço público que se forma e se fortalece a identidade de uma vizinhança, e com ela a sensação de pertencimento.(...) O uso do espaço aberto, público, diminui as distâncias entre os diferentes grupos de uma comunidade, vencendo barreiras de preconceito de maneira orgânica e às vezes inconsciente, portanto profunda e duradoura. A noção, por exemplo, de que os jovens

tem intenções equivocadas no uso da cidade e do espaço público, é na maioria das vezes um preconceito que se desfaz com facilidade se houver abertura e condições apropriadas para que usufruam desses espaços. Esse convívio diminui a sensação de insegurança, abrindo maior possibilidade de uso dos espaços, que por sua vez se tornam efetivamente mais seguros porque são usados e queridos por grupos que o observam e deles cuidam.”

Dessa forma, é necessário repensar os espaços públicos para garantir a perpetuação das relações sociais, agregando no cotidiano um ambiente habitável e garantindo a reprodução da vida através do afeto. A expressão “*beautification of the city*”, em Santen (2006) apud Góis (2015) é frequentemente usada em contextos urbanos, significando uma cidade que possui aparência atrativa e convidativa, mesmo após o pôr do sol, impulsionando o cenário de entretenimento da cidade, como cafés restaurantes e lojas, não somente visitas a cinema ou teatro. O princípio básico que está por trás é que deve haver algo para se ver e para se fazer, a cidade deve ser ‘habitável’, sendo essencial também a sensação de segurança.

Baseando-se na ideia de encontrar possíveis soluções para transformar a João Alfredo em referência de espaço urbano equilibrado, servindo, talvez, como inspiração para outros municípios adotarem iniciativas semelhantes, membros da WRI (World Resources Institute) Brasil - Cidades Sustentáveis reuniram-se para debater sobre uma possível reestruturação da João Alfredo. Essa instituição, segundo o próprio site, é uma organização internacional sem fins lucrativos, onde transforma ideias em ações que conectam meio ambiente, oportunidades econômicas e bem-estar humano. Trabalha para tornar as cidades mais inclusivas, agradáveis e seguras para as pessoas. Sua metodologia é auxiliar governos na implementação de políticas públicas e projetos nas áreas de mobilidade, desenvolvimento urbano, resiliência, governança, segurança viária e clima.

Segundo a organização, um dos primeiros passos para lidar com a questão é pensar no desenho urbano a partir dos conceitos de Ruas Completas, que também é o nome do projeto onde a João Alfredo está inserida, na tentativa de mudar o paradigma baseado em cidades somente para veículos.

“Ruas Completas são desenhadas para dar segurança e conforto a todas as pessoas, de todas as idades, usuários de todos os modos de transporte. O conceito tem como base distribuir o espaço de maneira mais democrática, beneficiando a todos. Não existe uma solução única de Rua Completa. Todas as melhores alternativas de desenho urbano podem ser incorporadas desde que respondam ao contexto local da área onde se localizam, reflitam a identidade da rua e as prioridades daquela comunidade.

Principais objetivos dos projetos de Ruas Completas: respeitar e responder os usos existentes de cada região, assim como usos planejados para o futuro; priorizar os deslocamentos realizados por transporte coletivo, a pé e de bicicleta; respeitar a escala das construções e recuos; apoiar a diversidade de usos do solo, mesclando residências, comércio e serviços; tornar a rua um lugar de permanência das pessoas e não somente de passagem; envolver residentes e grupos da comunidade para entender o bairro e suas prioridades.”

Técnicos de prefeituras de municípios vizinhos debateram possíveis soluções para tornar a João Alfredo uma rua completa, levantando propostas como alargamento das calçadas por serem estreitas (figura 23), redução do limite da velocidade para 30 km/h, reforço em relação à sinalização, elevação da via a partir de uma nova infraestrutura, novas travessias seguras, vegetação, inclusão de mobiliário urbano, instalação de paraciclos e uma possível implantação de sentido único na via, já que o fluxo bairro-centro é cinco vezes maior que no sentido contrário, conforme figuras 27, 28 e 29.



Figura 26. Calçada estreita comum a toda João Alfredo. Fotografia do acervo Pessoal. Outubro de 2017.



WRI BRASIL



Figura 27. Proposta do projeto Ruas Completas na João Alfredo.

A partir desse projeto de revitalização da rua, a João Alfredo pode se tornar um exemplo de espaço urbano que harmoniza a convivência entre todos os usuários.



WRI BRASIL



Figura 28. Proposta do projeto Ruas Completas na João Alfredo.



WRI BRASIL



Figura 29. Proposta do projeto Ruas Completas na João Alfredo.

Esse projeto é uma das possibilidades de se repensar um novo lugar, mas devemos entender que a rua, por ser um espaço público, deve ser pensada também por quem usufrui da mesma, seja como moradia ou como ambiente de trocas sociais. É um trabalho conjunto, envolvendo secretarias e a própria comunidade, desde pensar em projetos maiores que contemple a rua como um todo, como também questões mais pontuais, como bicicletários, transformação em via única ou dispor uma maior quantidade de lixeiras, pois muito do lixo produzido da noite fica pela rua pela falta das mesmas, assim como falta de conscientização dos usuários. Assim, esse espaço público se tornará flexível e acolhedor para os diferentes usos do mesmo.

Por fim, como argumentou Góis (2015), as práticas sociais são compreendidas em relação às formas concretas, dado que são elas que constroem, organizam e dão sentido às formas, ou seja, as formas e suas funções dialogam com as práticas sociais. Dessa forma, são esses grupos sociais que frequentam a rua João Alfredo que dão sentido à paisagem noturna da região, transformando-a em ponto de encontro em momentos de lazer, e por estarem procurando por conexões e interações, acabam se aproximando dessa rua, já que ela tem essa característica um tanto peculiar no município de Porto Alegre.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como finalidade compreender a percepção dos grupos e os principais motivos que os levam a frequentar a Rua João Alfredo no período da noite nos fins de semana, dispondo como base a subjetividade de suas vivências neste local.

A análise dos dados, a partir de uma metodologia traçada baseada em conhecimentos das ciências humanas, nos permitiu abordar diferentes temáticas sobre a rua, desde as entrevistas semi-estruturadas, que tem como finalidade um diálogo aberto e horizontal, como coleta de materiais para análise, fotografias, assuntos pontuais divulgados por meios de comunicação, dados cartográficos para produção de mapas e materiais bibliográficos.

De forma geral, a bibliografia utilizada deu suporte ao trabalho, seja em relação ao entendimento dos conceitos quanto listando metodologias que poderiam embasar o trabalho. Os resultados obtidos nas entrevistas semi-estruturadas permitiram compreender os motivos principais de se frequentar a rua, como poder consumir na rua sem a necessidade de adentrar em estabelecimentos, encontrar amigos que também são usuários, bebida financeiramente acessível e a possibilidade de levar de outros ambientes, assim como pelo grande movimento na rua e a segurança a ela atrelada. Concluimos que, como abordado por diferentes autores, a territorialidade criada pelos grupos é baseada na afetividade devido às suas vivências e interações na rua, ou seja, são essas práticas sociais no espaço da rua que constituirão a apropriação de um território, mesmo que por um determinado tempo.

As territorialidades relacionadas aos horários de apropriação da rua foram demarcadas através da observação atenta e das fotografias registradas, onde pode-se notar o aumento de determinados grupos após a 1 da madrugada próximo à Rua Luiz Afonso. Costuma atingir seu auge entre 2 e 3 horas, diminuindo a quantidade de pessoas até às 5 horas. Esse aumento pode estar relacionado à quantidade de pessoas mais jovens que costumam frequentar esse ponto da João Alfredo, onde costumam trazer suas próprias bebidas para consumo, além de ser grupos específicos, com seus trajes e músicas, além da própria atuação na rua, onde se diferencia dos frequentadores que costumam ficar nos estabelecimentos próximos à Rua da República, que se dispersam quando o horário é próximo das 2.

Em relação aos conflitos da boemia noturna, percebemos que o impasse existe quando falamos sobre os diferentes usos simultâneos da rua. Muitos residentes entram em confronto com posicionamentos de frequentadores, gerando grande pressão por parte do Poder público para limitar horário de funcionamento dos estabelecimentos, assim como rever a questão da

apropriação da rua. Essa disparidade de visibilidade gera ainda confronto com a Polícia, já que o despreparo da mesma para com multidões afasta a capacidade de diálogo e compreensão.

A rua integra o espaço público e deve ser repensada para abarcar todos os tipos de relações sociais que coexistem dentro do espaço urbano, onde suas formas de reapropriação através de uma identificação devem ser reconhecidas, dialogadas e aperfeiçoadas. Entendemos que as atividades noturnas ainda são limitadas dentro dos grandes centros urbanos e recebem pouca prioridade em relação a investimentos do setor público enquanto atividade de lazer. Assim, o que está em jogo na João Alfredo não é apenas o local, mas principalmente o lugar, sendo este carregado de significações e afetividades por parte dos indivíduos e de suas vivências no espaço geográfico. Este envolve um aspecto importante do que foi visto até então, a aglomeração de pessoas que buscam estar-junto, ou que buscam encontro, não apenas de pessoas, mas de um modo de ser, de pensar e de se ver. É a busca por conexões de afetividade e sentimentos em comum com o outro, unindo e compartilhando o momento em sua intensidade. Além do que o local e o lugar proporcionam, há também a hora em que se pode tê-los. Quer dizer, então, que isso tudo é espaço com a qualidade de espaço-tempo. A ocorrência do fenômeno é efêmera, mas o sentimento, o sentir a rua, tem caráter constante.

Assim, entendemos que a Rua João Alfredo no período da noite é composta por intensas atividades devido à quantidade de frequentadores. Estes acabam se reapropriando como se fosse seu lar e refúgio, uma das poucas escolhas noturnas economicamente acessíveis a todos, além do sentimento de segurança devido ao grande movimento. Como afirmou o tatuador Horiyoshi III, é da natureza humana ser atraída para lugares escuros, para a noite. É a sombra da noite que dá sentido à luz do dia, e vice-versa. Para entendermos a luz precisamos explorar as sombras.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Hélio Ricardo. **Porto Alegre foi assim...** Porto Alegre: editora Sangra Luzzatto, 2001.
- AMARAL, Ilídio. **Acerca de Paisagem: Apontamentos para um debate.** Finisterra, XXXVI, p. 75-81. 2001.
- ANDRADE, Manoel C. de. **A questão do território no Brasil.** HUCITEC, IPESPE, São Paulo, Recife. 1995.
- ANDREOTTI, Giuliana. A paisagem como "aparência visual integrada". **Paisagens Culturais.** Curitiba: UFPR. 2013.
- ARAGÃO, Thaís A. **Cidade Baixa e a produção de um lugar de música em Porto Alegre.** XVII ENANPUR. São Paulo. 2017.
- ARAUJO, Rodrigo Wienskoski. **Awaeté, o povo de verdade: A transformação da territorialidade indígena parakanã.** Dissertação de mestrado, UFRGS. 2017.
- BONNEMAISON, Joël. **La géographie culturelle.** Paris: Éditions du C.T.H.S. 1997.
- CARVALHO, Agatha M. **Cidade Baixa - Interiores Urbanos.** Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.
- CARLOS, Ana Fani A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade.** FFLCH, SÃO PAULO. 2007.
- CHAPARINI, Matheus. **Boemia x Sossego: rotinas em conflito na Cidade Baixa.** Jornal Já. 2017. Disponível em: <<https://www.jornalja.com.br/boemia-x-sossego-rotinas-em-conflito-na-cidade-baixa/>>
- CHAPARINI, Matheus. **Na noite selvagem da Cidade Baixa.** Jornal Já, 2017. Disponível em: <<https://www.jornalja.com.br/na-noite-selvagem-da-cidade-baixa/>>
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** Editora da EFSC, Florianópolis, p.14. 2001.
- CLAVAL, Paul. **O território na transição da pós-modernidade.** In: Geographia, vol 1, nº2, 1999, P. 7-26.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Território e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M; SOUZA, M.A.A.; SILVEIRA, M.L. **Território, globalização e fragmentação.** São Paulo: HUCITEC. 1994.
- DUNCAN, James, A Paisagem como Sistema de Criação de Signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagens, Textos e Identidade.** Rio de Janeiro: Ed. da UERJ. p. 91–132. 2004.
- FERREIRA, Luiz Felipe. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo.** Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, nº9, pp. 65-83. 2000.
- FONSECA, Luciana Marson. **Dois rumos na noite de Porto Alegre: Dinâmica socioespacial**

e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento. Dissertação de mestrado, UFRGS. 2006.

GERMANO, Iris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1999.

GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. **PAISAGENS NOTURNAS CARIOCAS: Formas e práticas da noite na cidade do Rio de Janeiro.** Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2015

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **GEOSUL**, Florianópolis, ISSN/ISBN: 0103964, v. 17, n. 33, p. 117-141. 2002.

HAESBAERT, Rogério. “Des-caminho e perspectiva do território”, In: RIBAS, A.D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M.A. (orgs). **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens** . Francisco Beltrão: Unioeste. 2004.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Compartilhamento e microterritorialidades no espaço social metropolitano.** In: Cidades (Presidente Prudente), v. 10, p. 76-106. 2013.

LEFEBVRE, Henri. . **La Production de l’Espace.** Paris : Anthropos. 1986.

MACIEL, Pâmela Langlois. **Parque Marinha do Brasil, Porto Alegre/RS: um lugar?** Trabalho de conclusão de curso, PUCRS. 2015.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1998.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros.** In: **Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos.** A pesquisa qualitativa em debate. Bauru: USC. 2004.

MONTOYA URIARTE, Urpi. **Podemos todos ser etnógrafos?** Etnografia e narrativas etnográficas urbanas. Redobra, Salvador, n. 10, p. 171-189. 2012.

MORAIS, David. Padrões de criminalidade e espaço público: o centro do Rio de Janeiro. *Surveillance in Latin America.* PUCPR . Curitiba. 2009.

PEDROSO, Lucio Fernandes. **Transgressão do Bom Fim.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre. 2009.

PEREIRA, Marcelo Custódio. Geografia da noite: oferta e consumo de diversão noturna em Londrina, Paraná. Dissertação de Mestrado, UNESP, Presidente Prudente. 2016.

PORTUGUESES EM PORTO ALEGRE. **Cidade Baixa.** Disponível em: <<http://portuguesesemportoalegre.blogspot.com.br>>

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. BONFIM: Feições de uma cidade no Plural... Ou o lugar da Desordem. In: Iluminuras. Numero 30. Porto Alegre Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS. 2001.

SANTOS, Rai Nunes. **TERRITÓRIOS EM TRANSIÇÃO: mudanças territoriais nas comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia frente à construção da segunda ponte do Guaíba, no município de Porto Alegre, RS.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016.

SAQUET, Marcos Aurélio. BRISKIEVICZ, Michele. **Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial.** Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, v. 1, n. 31, p. 03-16, 2009.

RELPH, Edward. **Place and placelessness.** London: Pilon, 1976.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli (Org.). **Ciências Humanas: pesquisa e método.** Porto Alegre: Editora da Universidade, pp. 9-31. 2008.

SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA. **História dos Bairros de Porto Alegre.** Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf> Acesso em 20 de abril de 2017.

SILVA, Michelle Nascimento da. Percepção de valor dos usuários sobre o território: Estudo de caso no Bairro Cidade Baixa em Porto Alegre - RS. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2014.

SOUZA, Anita Silva de. **Projeto Renascença: um caso de gentrificação em Porto Alegre durante a década de 1970.** Dissertação de mestrado, UFRGS, Porto Alegre. 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, M.A.; SPOSITO, E.S. **Territórios e Territorialidades: Teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular. 1.ed., UNESP, Programa de Pós-Graduação em Geografia. 2009.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas. 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

TURRA NETO, Nécio. Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: Territórios e redes de sociabilidade. Presidente Prudente, SP. 2008.